

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA



AFIRMAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO TURISMO NA BEIRA INTERIOR
UMA PROPOSTA DE ARQUITECTURA

João Miguel Melão Pinto
(Licenciado)

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Orientador Científico: Professora Doutora Madalena Cunha Matos

Júri:

Presidente: Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

Arguente: Doutor José Manuel Pinto Duarte

Lisboa, FA-UL, Fevereiro 2014

"Com os lazeres e o turismo pretende-se dar conteúdo ao tempo livre, rompendo com o meio e os ritmos de vida quotidianos, aproximando-nos de outras pessoas e dos seus modos de vida, satisfazendo as nossas curiosidades, a nossa sede de descoberta natural e cultural, desenvolvendo a nossa actividade corporal e intelectual, experimentando novas relações sociais, mas também afirmando-nos pelo consumo e ostentação, valorizando-nos no encontro com os outros e valorizando-nos no encontro com nós próprios"

Carmina Cavaco

Resumo

O turismo, enquanto fenómeno, é entendido como um factor de desenvolvimento económico em zonas afectadas pelo despovoamento, nomeadamente zonas rurais, onde os impactos da crise económica actual têm uma incidência intensificada. O trabalho realizado procura entender a relação e a importância da arquitectura na criação de um novo produto turístico neste tipo de regiões. Para este estudo tornaram-se fundamentais o estudo das práticas contemporâneas do turismo, nomeadamente do turismo em espaço rural, em paralelo com a abordagem dos conceitos de identidade do lugar, *genius loci* e regionalismo no conceito de arquitectura do turismo. Como caso de estudo, foi escolhida a aldeia de Coriscada no concelho de Mêda, Guarda, sendo o objectivo principal a implantação de uma nova oferta turística. Além de toda a pesquisa bibliográfica, foram realizadas análises e estudos sobre a morfologia e valores deste povoado que resultaram numa base conceptual sólida para o projecto de intervenção. O novo produto turístico, e por consequência o projecto, divide-se em três componentes programáticos: *Solar Menezes*, um pequeno equipamento hoteleiro instalado numa antiga casa apalaçada; *Casas na Aldeia*, um conjunto de casas representativas da arquitectura popular da região reabilitadas para um programa de turismo de aldeia; e *Edifício Interface*, uma construção de raiz onde se instala um museu, um restaurante e um café. Estes incluem as três vertentes base de um produto turístico: alojamento, restauração e actividades. O projecto procura respeitar e potenciar a ruralidade do lugar, conferindo-lhe ao mesmo tempo a marca da contemporaneidade. Deste modo, os conceitos da arquitectura popular da região são reinterpretados e aplicados à luz da modernidade.

Palavras Chave: turismo rural, regionalismo crítico, arquitectura vernacular, desenvolvimento turístico, identidade do lugar, intervenção arquitectónica.

Abstract

The tourism phenomenon is understood as a factor of economic development in areas affected by depopulation, particularly in rural areas where the impacts of the current economic crisis have intensified incidence. The work seeks to understand the relationship and the importance of architecture in creating a new tourism product in such regions. For this study became pivotal study of contemporary practices of tourism particularly tourism in rural areas, in parallel with the approach of the concepts like identity of place, *genius loci* and regionalism in the architectural. As a case study we chose the village of Coriscada (Mêda, Guarda) and the main objective is the implementation of a new tourist offer. Besides all the literature, analyzes and studies on the morphology and values of this place, resulted in a solid conceptual basis for the design of intervention performed. The new tourism product and therefore the project is divided into three programmatic components: *Solar Menezes*, a small hotel equipment housed in an old palatial house; *Casas na Aldeia*, a set of houses representative of popular architecture; and the *Interface* building, a construction of the root where it installs a museum, a restaurant and a coffee. These include the three basic aspects of a tourist product: accommodation, catering and activities. The project seeks to respect and enhance the rurality of the place, giving it the same time the brand of contemporaneity. The concepts of vernacular architecture of the region are reinterpreted and applied in the light of modernity.

Key-words: rural tourism, critical regionalism, vernacular architecture, tourism development, identity of place, architectural intervention.

Agradecimentos:

À Professora Doutora Madalena Cunha Matos

Aos meus pais, ao Pedro

À Catarina

Índice

1. Introdução

1.1 Contextualização	1
1.2 Objectivos	2
1.3 Metodologia e Estruturação	2
1.4 Estado da Arte	4

2. A Região - Beira-Alta: concelho de Mêda

2.1 Caracterização Geral	5
2.2 Evolução da Ocupação Humana na Pré-História	6
2.3 Efeitos da Emigração	7
2.4 Património Cultural/Arquitectónico presente na Região	8

3. Práticas Contemporâneas do Turismo

3.1 A Evolução do conceito de Turismo	13
3.2 Relação do Turismo com o Território	17
3.3 Turismo "pós-moderno" - Novos tipos de Turismo	18
3.4 Turismo em Espaço Rural	19
3.5 TER-Turismo em Espaço Rural como factor de desenvolvimento local	21

4. Turismo Rural e Arquitectura

4.1 Importância da Arquitectura no conceito de Turismo Rural	23
4.2 Identidade do Lugar	
4.2.1 A ideia de <i>Lugar</i>	25
4.2.2 Genius Loci - "o espírito do lugar"	28
4.2.3 Regionalismo Crítico	29
4.2.4 O Lugar e a Arquitectura na Contemporaneidade Portuguesa: Fernando Távora e Álvaro Siza Vieira	31
4.3 Casos de estudo	33
4.3.1 Sta. Marinha da Costa - Fernando Távora	34

4.3.2 Hotel Rio do Prado - Jorge Sousa Santos	36
5. A Proposta	
5.1 O Sítio - Aldeia de Coriscada	38
5.2 Análise Morfológica e Arquitectónica	41
5.3 Novo Produto Turístico	42
5.4 Solar Menezes	44
5.4.1 Levantamento	45
5.4.2 Diagnóstico	45
5.4.3 Valores	46
5.4.4 Reabilitação	46
5.4 Casas na Aldeia	48
5.6 Edifício Interface	49
Bibliografia	53

Índice de Figuras

Figura 1.	10
<i>Tipos de povoamento - Zona 3</i>	
<i>Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato</i>	
Autor: n/d	
In: "Arquitectura Popular em Portugal" (1955-1960)	
Figura 2.	11
<i>Materiais Correntes de Construção - Zona 3</i>	
<i>Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato</i>	
Autor: n/d	
In: "Arquitectura Popular em Portugal" (1955-1960)	
Figura 3.	12
<i>Técnicas de Construção em Granito</i>	
Autor: n/d	
In: "Arquitectura Popular em Portugal" (1955-1960)	
Figura 4.	13
<i>Materialidades - Texturas - Padrões</i>	
Autor: n/d	
In: "Arquitectura Popular em Portugal" (1955-1960)	
Figura 5.	20
<i>TER - Público Alvo</i>	
Autor: Luís Silva	
Figura 6.	21
<i>Pedras Salgadas Eco-Resort</i>	
Autor: FG + SG	
Figura 7.	24
<i>Estalagem Quinta da Casa Branca - Atelier Bugio</i>	
Autor: n/d	
In: http://www.atelierbugio.com/	
Consultado em 10 de Agosto, 2013	
Figura 8.	25
<i>Casa do Côro - Marialva</i>	
Autor: João Miguel Pinto	
Figura 9.	33
<i>Piscina das Marés - Siza Vieira</i>	
Autor: João Miguel Pinto	

Figura 10.	36
<i>Alçado Poente - Pousada de Santa Marinha da Costa - Fernando Távora</i>	
Autor: nd	
In: SIPA	
Figura 11.	37
<i>Hotel Rio do Prado - Jorge Sousa Santos</i>	
Autor: João Miguel Pinto	
Figura 12.	39
<i>Excerto da capa do jornal O Interior, de 7 de Novembro, 2013</i>	
Autor: Jornal O Interior	
Figura 13.	41
<i>Complexo Arqueológico do Vale do Mouro - Coriscada</i>	
Autor: João Miguel Pinto	
Figura 14.	45
Solar Menezes	
Autor: João Miguel Pinto	
Figura 15.	50
Maquete de estudo 1:200	
Autor: João Miguel Pinto	
Figura 16.	51
Portadas de Madeira	
Autor: n/d	
In: "Arquitectura Popular em Portugal" (1955-1960)	

1. Introdução

1.1 Contextualização

A importância do turismo para a economia portuguesa, assim como para as economias mundiais, é irrefutável, ganhando de uma forma crescente uma posição de relevo nas actividades económicas mais importantes. É por isso necessário entender o fenómeno do turismo como uma actividade que os países devem potenciar; no caso de Portugal, em particular, esta assume um papel fulcral para a economia.

O turismo teve, no último século, um crescimento exacerbado; segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o número de chegadas de turistas internacionais no ano 2000 rondou os 660 milhões, contra os 70 milhões contabilizados no ano de 1940. Este crescimento é resultado da massificação do turismo e da criação de produtos turísticos de massas. Este tipo de turismo todavia tem um atitude corrosiva para com o território e com as populações e culturas locais.

No caso de Portugal, o maior desenvolvimento turístico que existiu nos últimos cem anos teve lugar no litoral algarvio. Um turismo de sol e mar, de massas e pautado, sobretudo, pela vontade de aumentar o lucro dos investidores. O resultado deste fenómeno foi a criação de um tipo de turismo unidireccional, que não abrange todas as potencialidades do país. Contudo, nos últimos anos, começa a existir uma oferta alternativa, mais diversificada e com mais qualidade. Estas novas formas de turismo, nomeadamente o Turismo em Espaço Rural (TER), apresentam uma forte relação e proximidade com os locais e culturas onde se inserem. Além de utilizar outros recursos, alguns deles únicos do País, apresentam na sua génese uma maior preocupação com a preservação do património natural, cultural e ambiental das regiões, garantindo que os objectivos económicos são atingidos. É neste sentido que a arquitectura popular ganha relevância, tornando-se um elemento fundamental para o sucesso destes novos produtos turísticos.

Deste modo, surge o interesse de estudar o potencial turístico da região da Beira Interior, procurando compreender a importância da relação entre o turismo e a arquitectura popular, assim como com as culturas e tradições dos locais de implantação.

"Places of heritage significance have an intrinsic value for all people as an important basis for cultural diversity and social development. The long term protection and conservation of living cultures, heritages places, collections, their physical and ecological integrity and their environmental context, should be an essential component of social, economic, political, legislative, cultural and tourism development policies." (Carta Internacional sobre o Turismo Cultural, 1999)

1.2 Objectivos

Com a finalidade de objectivar a elaboração do presente trabalho e conjecturar respostas, são levantadas questões, como: -qual é a relação que o património arquitectónico do nosso país deve estabelecer com o turismo? -de que forma deve ser preservada a riqueza cultural e natural dos locais onde se instalam os produtos turísticos? -em que medida o turismo potencia o desenvolvimento local? -de que modo a identidade dos lugares pode ser preservada e ao mesmo tempo utilizada como mais valia na promoção de novos produtos de turismo? -como reconhecer a importância do turismo enquanto actividade económica, e quais são as novas tendências do turismo? -como delimitar o papel da arquitectura na criação de novos produtos turísticos?

Estas são as questões principais sobre as quais o presente trabalho pretende reflectir, procurando de uma forma geral, e depois em particular para o território escolhido, entender de que modo a arquitectura assume um papel chave na dinamização turística da região da Beira Interior. A escolha desta região é justificada, não só pela riqueza cultural e arquitectónica e pela escassez de produtos turísticos, mas também por uma relação de afinidade pessoal com a mesma. Esta relação com o sítio foi determinante para a escolha do tema, originando outro nível de motivações para o desenvolvimento do trabalho.

"Que el Patrimonio Cultural constituye un valioso e insustituible recurso como elemento revitalizador de las ciudades y los territorios, capaz de mejorar la calidad de vida de los habitantes, de catalizar las inversiones y en la creación de marcas-territorio. Este recurso se muestra especialmente necesario para el desarrollo de territorios periféricos y afectados por procesos de despoblación."
(Carta de Bruxelas, 2009)

Numa segunda fase, os objectivos foram a selecção de uma área a intervir, a selecção de estruturas edificadas e espaços livres onde instalar o acolhimento, a selecção dos programas funcionais, e trabalho de projecto para efectivar essa instalação.

1.3 Metodologia e Estruturação

O presente trabalho tem na sua génese duas vertentes: a parte teórica e o projecto final. Estas, apesar de independentes, cruzaram-se no seu desenvolvimento. Para a parte teórica, efectuaram-se para cada temática várias consultas bibliográficas, sempre apoiadas na orientação dada pela Professora Doutora Madalena Cunha Matos, de modo a aprofundar os conhecimentos sobre as matérias em estudo.

Para estas consultas recorreu-se sobretudo à Biblioteca Nacional de Portugal e à biblioteca da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, mas também a bibliotecas locais, como a Biblioteca Municipal de Mêda, onde foi possível encontrar informação mais específica sobre a região. Foram também efectuadas várias consultas na www. No tema do turismo, a pesquisa bibliográfica na Biblioteca da Escola Superior de Hotelaria do Estoril teve uma grande importância para a recolha de informação. A presença em conferências e exposições relacionadas com o tema foi igualmente importante para o trabalho.

O estudo e cruzamento dos variados conhecimentos adquiridos sobre o tema em questão deu origem a esta dissertação que se divide cinco capítulos. Estes são organizados segundo a seguinte lógica: introdução ao tema; análise da região em estudo; introdução às práticas contemporâneas do turismo; relação entre as duas temáticas, com apresentação de casos de estudo; terminando com a proposta do projecto final.

Para o projecto final, as visitas à região tiveram um papel muito importante. Numa primeira fase, foi feito um levantamento fotográfico a diversos locais de interesse na região; assim como a elaboração de um conjunto de fichas do património existente. Este conjunto de fichas (em anexo) procura demonstrar o património edificado que existe na região; abrangendo, no conjunto, construções com diferentes escalas, épocas de construção, funções e métodos construtivos.

Em seguida, e com o apoio do arquitecto responsável da Câmara Municipal de Mêda, foram recolhidos os poucos elementos cartográficos que existem sobre a região, nomeadamente sobre a aldeia de Coriscada, local de implantação do projecto. A segunda fase, ainda de levantamento, incidiu sobretudo sobre a aldeia em estudo. Foram elaboradas várias plantas de análise do aglomerado urbano, que ajudaram na escolha dos locais e edifícios a intervir. Nesta fase em especial, as duas vertentes do trabalho cruzaram-se, com a elaboração do programa do novo produto turístico e em simultâneo a escolha dos locais de implantação. Em seguida foram elaborados levantamentos no local, tanto numa edificação existente -Solar Menezes- como no lote da intervenção de raiz. Na última fase, o projecto foi desenvolvido até à elaboração final de plantas, cortes e outros elementos que apresentem de forma clara e substancial a proposta.

Na delimitação do universo de estudo é importante referir as condicionantes existentes, provocadas pela falta de cartografia com qualidade, e ainda pela impossibilidade de visita a todos os edifícios em estudo.

1.4 Estado da Arte

Este trabalho resulta da confluência de estudos e pesquisas sobre vários temas, tendo sempre como enfoque a elaboração de um projecto de arquitectura. Estes podem dividir-se nos seguintes matérias: a região; práticas contemporâneas do turismo; relação da arquitectura com o lugar e a intervenção arquitectónica.

No estudo da região, a sua localização no interior do país reflectiu-se na pouca bibliografia existente. Este tema dividiu-se em duas pesquisas diferentes, uma geral sobre o concelho de Mêda e outra mais específica sobre a aldeia de Coriscada - lugar de implantação do projecto. Os autores mais importantes neste tema foram: Orlando Ribeiro, Adriano Rodrigues e Amílcar Saraiva. Os dois primeiros foram relevantes na caracterização do concelho e numa abordagem histórica sobre o mesmo. Para a caracterização da aldeia de Coriscada, a ausência de bibliografia é ainda mais marcada, tendo sido as obras de Amílcar Saraiva as mais relevantes para a construção do conhecimento sobre as questões culturais, sociais e históricas sobre o povoado. Contudo, as obras consultadas destes autores, devido à distância temporal em que foram escritas, carecem de uma actualização, sobretudo nas abordagens socioculturais.

Na abordagem às práticas contemporâneas do turismo, a bibliografia existente é ampla, apresentando várias visões e vertentes sobre o tema. A pesquisa foi efectuada com base nos estudos sobre o tema dos autores: Carminda Cavaco, Luís Cunha, e Licínio Cunha. Estes autores foram essenciais no entendimento do turismo enquanto fenómeno social, e na sua relação com o território, sendo dado maior enfoque ao Turismo em Espaço Rural onde se destaca Luís Silva como principal investigador do fenómeno do Turismo Rural em Portugal.

No seguimento do estudo do Turismo em Espaço Rural, e tendo em consideração o objectivo final deste trabalho, foi importante o estudo do tema da relação da arquitectura com o lugar, no âmbito do turismo. Neste capítulo, a bibliografia é extensa, sendo por isso necessário uma pesquisa e estudo capaz de abranger diferentes linhas de pensamento e de projecto sobre o tema. Na definição da identidade do lugar destacaram-se, na definição da ideia de lugar e *Genius Loci*: Mircea Eliade, Domizia Mandolesi; e no estudo do Regionalismo Crítico: Josep Muntanola, Kenneth Frampton e Norberg-Schulz.

Na relação directa do turismo com a arquitectura destaca-se a investigadora Madalena Cunha Matos no estudo integrado destes dois temas. Por outro lado, a bibliografia sobre a relação directa do turismo rural na região beirã é praticamente inexistente, havendo por esse motivo a necessidade de uma análise comparativa de casos de estudo em outros locais.

Este trabalho surge do estudo e relação destes vários temas distintos, assumindo como objectivo transversal de todo o trabalho a elaboração de um projecto de arquitectura.

2. A Região - Beira-Alta: concelho de Mêda

2.1 Caracterização geral

O concelho de Mêda situa-se a norte do distrito da Guarda, na região da Beira-Alta. É composto por dezasseis freguesias: Aveloso, Barreira, Carvalho, Casteição, Coriscada, Fonte Longa, Longroiva, Marialva, Mêda, Outeiro de Gatos, Paipenela, Poço do Canto, Prova, Rabaçal, Ranhados e Vale Flor, com uma população que oscila entre os 7 e 8 mil habitantes, numa área total de aproximadamente 296km².

Situado numa zona de transição entre o Planalto Beirão e o Alto Douro, morfologicamente este território é montanhoso com depressões, vales e planaltos extensos. Contam-se inúmeros ribeiros e cursos de água de maior amplitude, como por exemplo a ribeira Teja e o rio Massueime, afluente do rio Côa; estes seguem de Sul para Norte e enquadram-se na bacia hidrográfica do Douro. As condições naturais deste território foram desde o Paleolítico favoráveis à presença humana, como se pode comprovar através dos vários achados arqueológicos na região. Os materiais da região - granitos, arenitos e xistos - serviram, conforme as localidades, como materiais de construção ao longo dos séculos. Foram os Romanos que deixaram na região mais vestígios: as calçadas, as pontes, as placas tumulares, os marcos milenares, as moedas, as aras votivas, as *villae*, os *vicus* e as *civitas* por eles construídas mostram bem o seu esforço para romanizar a região; testemunhos da ligação com Roma, especialmente nas épocas dos césores Trajano e Hadriano (Rodrigues, 1983).

Na região predomina o clima temperado mediterrâneo de influência continental, onde a amplitude térmica é bastante acentuada. Porém, o clima na região não é homogéneo, podendo dividir-se em dois grupos: terras baixas e terras altas. Das terras altas fazem parte as freguesias de Longroiva, Fonte Longa, Poço do Canto, Casteição, Pai Penela, Prova, Aveloso, Ranhados; as terras baixas são: Marialva, Coriscada, Barreira, Carvalho, Rabaçal e Vale Flor. Estas últimas, devido à sua implantação a altitudes mais baixas, têm amplitudes térmicas mais reduzidas. Nas chamadas terras altas, cujas altitudes atingem 945m, a temperatura média anual ronda os 10° centígrados; por outro lado, nas terras baixas, a cotas abaixo dos 300 metros, a temperatura média anual é um pouco mais elevada, situando-se nos 12,5° centígrados. Quanto à precipitação média anual, nas terras altas situa-se nos 700mm, e nas terras baixas nos 500mm. Este aspecto é dos mais importantes para a economia local, visto ser a agricultura a principal actividade. Também esta actividade está dividida conforme a zona climática onde se insere; nas terras baixas situadas na Região demarcada do vinho do Porto, o maior rendimento

agrícola vem exactamente do vinho, seguido do azeite, da amêndoa e do figo. Nas terras altas ou terras frias, as culturas mais importantes são a castanha, a batata, o centeio e o feijão. Relacionado com a agricultura está também a pecuária; no passado era esta a principal actividade económica na região, mas com os progressos agrícolas, a implementação de novas legislações para o sector limitaram o número de cabeças de gado na região. A fauna selvagem no concelho é variada, podendo encontrar-se: raposas, lobos, javalis e lebres; aves de rapina como o gavião, o bufo, o milhafre e o francelho.

A riqueza mineral da região foi ao longo dos tempo uma atracção para os povos. O subsolo do concelho foi explorado desde a pré-história, na procura de chumbo, ouro, estanho e ferro. Os Romanos aproveitaram as águas sulfurosas de Longroiva (aldeia onde se situam actualmente as termas) para o tratamento de doenças de pele e problemas de ossos. Na Segunda Guerra Mundial, extraiu-se intensamente volfrâmio do solo do concelho e, segundo prospecções da Junta de Energia Nuclear, existem jazidas de urânio.

Em linhas gerais é este o quadro natural da região da Mêda, território que se caracteriza, não pela uniformidade geográfica monótona, mas sim por uma riqueza territorial a vários níveis: paisagem variada; diversificação agrícola; riqueza geológica; clima; fauna e flora.

2.2 Evolução da ocupação humana da região na pré-história

Como referido, a região em estudo foi habitada pelos primeiros povos desde o período Paleolítico. Este facto é comprovado pelos vários achados arqueológicos. A região medense apresentava condições de clima, fauna e flora que seriam favoráveis à presença humana; além disso beneficiava da proximidade a cursos de água. Diferentes povos passaram por ali, desde os nómadas do paleolítico até à "revolução neolítica, que fixou o homem à terra e o transformou em agricultor e metalúrgico" (Rodrigues, 1983, p38). As grutas existentes são também prova da presença humana na região, como exemplo a Gruta do Cavalinho no vale da Teja; este nome deriva do facto de existir no seu interior a pintura de um cavalo.

É difícil distinguir na região, assim como em toda a península ibérica, o período neolítico do começo da Idade do Bronze. As duas idades fundem-se na região, a cultura das grutas acompanha os primeiros povos que chegaram à região com o objectivo de procurar metais como o ouro, chumbo e o estanho. O quotidiano desta época era ainda marcado na região pela actividade pastoril.

"Ao longo da idade do bronze e começos da idade do ferro, os nómadas, caçadores e recolectores fixaram-se à terra, transformando-se em pastores, agricultores e metalúrgicos. A metalurgia andava a par com a magia, a religião e a agricultura. Neste período a sociedade começa a organizar-se em classes. Os senhores dos jazigos dos metais conhecidos, e os grandes pastores, repousavam nas antas ou dólmens. Os servidores arrastavam as pesadas pedras daqueles monumentos, rodeando-as de outras em círculo(...)" (Rodrigues, 1983, p45).

É também nesta época que se desenvolvem os valores religiosos: menires e círculos de grandes pedras foram encontrados nas freguesias de Ranhados, Prova, Casteição, Longroiva, Barreira e Coriscada, aproveitados para vedações de campos ou suporte para cabanais e cortes. Com o passar dos tempos, os homens deixaram os abrigos naturais e passaram a construir. Passaram também a sentir a necessidade de construir defesas em torno dos lugares onde habitavam. A cultura castreja na região é marcada pelo seu carácter arcaico e primitivo quando comparada com outros castros a noroeste da península. Dos povos da época castreja que viveram nesta zona do país, salientam-se os Aravos, na zona de Marialva, os Longobritas, em Longroiva, e os Meidubrigenses, na Meda.

2.3 Efeitos da Emigração

Actualmente o interior do país, e em especial a região em análise, tem como característica uma baixa densidade populacional, tendo-se dado no concelho de Mêda nas últimas décadas uma diminuição da população. Os factores para esta diminuição podem-se considerar de natureza social e económica. A agricultura é sem dúvida a actividade económica predominante, mas esta nunca deixou de ter um carácter tradicional de minifúndios. Pode em muitos casos ser considerada como uma actividade de subsistência. Segundo Adriano Vasco Rodrigues, este aspecto foi causador de surtos de emigração, nomeadamente a partir de 1864, numa procura de melhores condições de vida que o trabalho no campo não podia oferecer. Este fenómeno de emigração não foi caso único nesta região; registou-se igualmente em outros distritos do interior. O pico da emigração deu-se entre 1960 e 1983, deixando algumas povoações completamente despovoadas, sobretudo de população activa, ficando apenas os mais idosos, ou seja, levando a um envelhecimento populacional.

Os destinos foram o Brasil, as antigas colónias portuguesas como Angola e Moçambique; mais tarde, países como a França, a Alemanha e o Luxemburgo foram destinos dos habitantes desta região de Portugal. Muitos foram para fora do país ilegalmente, sobretudo para França, onde facilmente conseguiam a legalização desde que tivessem emprego. Mas este fenómeno não se limitou à classe operária, também os recém formados da região tiveram de sair, devido à falta de oportunidades que ali existiam (Rodrigues, 1983).

Nos finais do século XVII, a população do concelho situava-se nos 8212 habitantes; no século XIX, 10706; no início do século XX, 12075; em 1940, cerca de 14989; em 1981 aproximadamente 9186; actualmente a população residente situa-se nos 5026, segundo os censos 2012. A taxa de natalidade actual é de 3,7% e a taxa de mortalidade situa-se nos 16,5%. Este é outro facto que torna o crescimento da população negativo.

O fenómeno da emigração teve um papel bastante negativo para o crescimento e desenvolvimento desta região, assim como de outras semelhantes, do interior do país. Estas povoações ficaram esquecidas num marasmo económico e social, afastando-se cada vez mais da evolução das grandes cidades. Restam as tradições e culturas que as tornam únicas. (Rodrigues, 1983)

2.4 Património Cultural e Arquitectónico

Nesta breve introdução ao património do concelho de Mêda pretende-se apresentar, de uma forma geral, os traços mais marcantes da cultura e do edificado.

A região em estudo apresenta um vasto património construído, onde é possível identificar várias épocas e momentos da história, desde o período Paleolítico até à actualidade. Porém, o património existente não se restringe ao edificado; é importante destacar igualmente a riqueza cultural, histórica, etnográfica e paisagística. Estas, além de bastantes representativas, são utilizadas muitas vezes como cartão de visita da região.

Em primeiro lugar, a sua localização geográfica no interior norte de Portugal, afastada dos grandes centros urbanos, confere ao concelho uma ruralidade que, por um lado, é vista como algo positivo para a preservação da cultura e por outro, é nociva para a economia local. Outra "matéria-prima" que esta região apresenta é a qualidade da paisagem natural, onde a vasta vegetação é uma constante no contraste entre as serras e os vales.

No panorama cultural, destacam-se:

- A vivência de um meio rural é um fenómeno desconhecido para muitas pessoas, nomeadamente, para os provenientes de meios mais urbanizados. A ambiência que se pode experienciar num aglomerado rural é única, onde a relação entre os habitantes tem níveis de proximidade que se podem comparar aos que existem entre familiares. Também o diálogo estabelecido entre os habitantes, o edificado e a paisagem natural é mais íntimo.
- As tradições relacionadas com a religião, tais como romarias e procissões, assim como as festas populares. A gastronomia da região é outra forma de publicidade da mesma, e encontra-se ainda fortemente ligada às tradições.

- A agricultura da região deve ser também incluída no plano cultural. Encontra-se ainda pouco industrializada, sendo a produção para consumo próprio maioritária. Deste modo, são utilizadas ainda muitas práticas e saberes mantidos dos antepassados.
- A sabedoria empírica dos seus habitantes mais idosos transmitida entre gerações, marcada pelo seu carácter pragmático e funcional.

De modo a identificar o património edificado presente na região, foram realizadas diversas visitas aos vários povoados, assim como pesquisas no sítio electrónico do IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico) e do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico), resultando na elaboração de um conjunto de fichas de património, que pretendem apresentar as construções de maior valor arquitectónico existentes, com especial atenção para as classificadas como monumentos ou imóveis de interesse público. Nestes incluem-se os castelos, as igrejas, os pelourinhos, as fontes e alguns solares ou casas apalaçadas. Os tópicos de análise para cada edificação são: localização, época de construção, arquitecto (quando o há), categoria de protecção, materiais e uma breve descrição. Para a realização deste conjunto, a plataforma SIPA tornou-se fundamental na recolha de informação; foram ainda utilizadas algumas obras sobre a região, em especial do autor Adriano Vasco Rodrigues (fichas em anexo).

A temática da arquitectura popular presente na região é sem dúvida uma das mais pertinentes de aprofundar, tendo em consideração os objectivos que fundamentam este trabalho. A abordagem ao tema foi feita através de visitas aos lugares, em simultâneo com a consulta d' *O Inquérito da Arquitectura Popular em Portugal*, entre outras referências bibliográficas sobre o tema, que apresentam uma base sólida de informação para este trabalho.

"Condicionamentos e soluções são aspectos inseparáveis na Arquitectura regional da Beira. O fenómeno é comum, de resto, a todas as regiões diferenciadas do País e do Mundo. Nem doutro modo teria sentido a restrição imposta ao substantivo "Arquitectura" com o adjetivo "Regional", restrição que envolve limites territoriais, mas ao mesmo tempo uma relação íntima com os factores naturais e os de intervenção humana que concretizam uma região e a distinguem doutras." (AAVV, 2004, p261)

Na região é evidente a existência de vários tipos de povoamentos. Estes apresentam várias formas de apropriação da paisagem natural, tendo em conta não só as características intrínsecas do território, como também das necessidades funcionais das populações. Távora, no *Inquérito*, classifica os tipos de povoamento em cinco tipos: lugares aglomerados, aglomeração pura, tipo disseminado, aglomeração com dispersão intercalar, dispersão ao longo dos vales e áreas despovoadas. No concelho de Mêda, podem-se encontrar principalmente povoados do tipo aglomeração pura, existindo também povoados que se enquadram no tipo disseminado. Nas áreas onde os terrenos são mais húmidos e permitem

culturas de regadio, a densidade populacional é maior. Encontram-se, nesta região, pequenos núcleos habitacionais espalhados; estes, situam-se geralmente próximos dos terrenos de cultivo que obrigam a cuidados diários. Em contrapartida, nas regiões mais secas e rochosas, e onde predominam as culturas de cereais, a densidade dos povoados é menor, sendo os aglomerados de edifícios construídos de uma forma mais dispersa. Em zonas mais montanhosas, os aglomerados de edifícios encontram-se sempre próximos dos terrenos mais férteis ou, também, ao longo de linhas de água (Figura 1).

Quanto à estrutura dos povoados, esta difere não só pelas condições naturais do território, mas também pela importância relativa dos mesmos. As diferenças entre as aldeias, as vilas e as cidades não se reflectem apenas na escala, "são os interesses, as actividades e a organização social da população, por um lado, e a disciplina dos traçados urbanos, a delimitação dos espaços e as características dos edifícios, por outro, que distinguem a cidade da vila e esta da aldeia." (AAVV, 2004, p264). A estruturação dos povoados pode ser dividida em três grupos: povoado de planície, povoado de montanha e povoado erguido ao longo duma crista montanhosa. Nos povoados de planície, o edificado estende-se sem qualquer tipo de condicionante imposta pela orografia, possibilitando a sua expansão e permitindo às casas um desfogo espacial entre elas. Em contrapartida, nos povoados de montanha, o casario procura adaptar-se à morfologia do território, procurando uma simbiose entre a construção e a paisagem. Deste modo as casas são muitas vezes edificadas "em pequenos espaços entre fraguados de granito, ajustando-se com soluções de recurso às dificuldades locais." (AAVV, 2004, p264). Contudo, e apesar de serem estes os três tipos de estrutura de povoamentos na região, existem casos em que, no mesmo aglomerado, é possível identificar dois destes tipos em simultâneo, devido à heterogeneidade da paisagem.

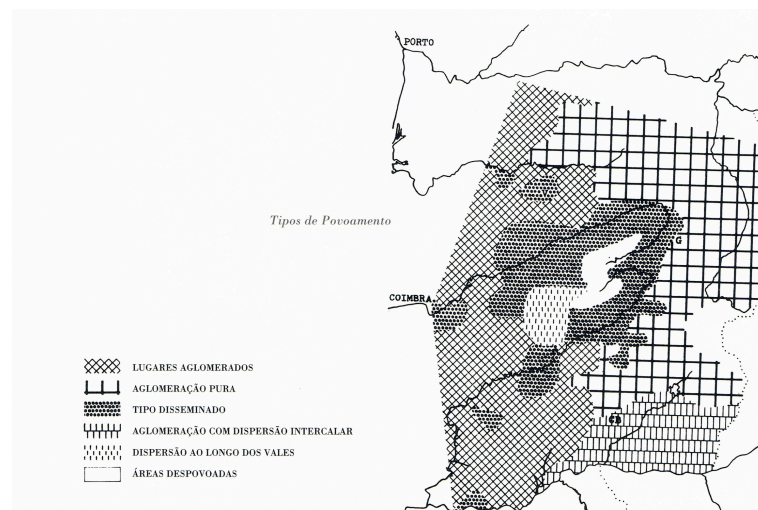


Figura 1. *Tipos de Povoamento - Zona 3 Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato*

Quanto às edificações, estas também foram condicionadas por diversos factores, como os materiais da região, a topografia e as características e vicissitudes de cada povoamento. Exemplo disso é a influência da utilização dos carros de bois por parte dos agricultores da região no dimensionamento dos pátios ou alpendres onde eram guardados. Deste modo, "a escala e a organização espacial das casas rurais correntes devem muito às tradições e ao engenho dessa gente que povoou a Beira noutros tempos." (AAVV, 2004, p273)

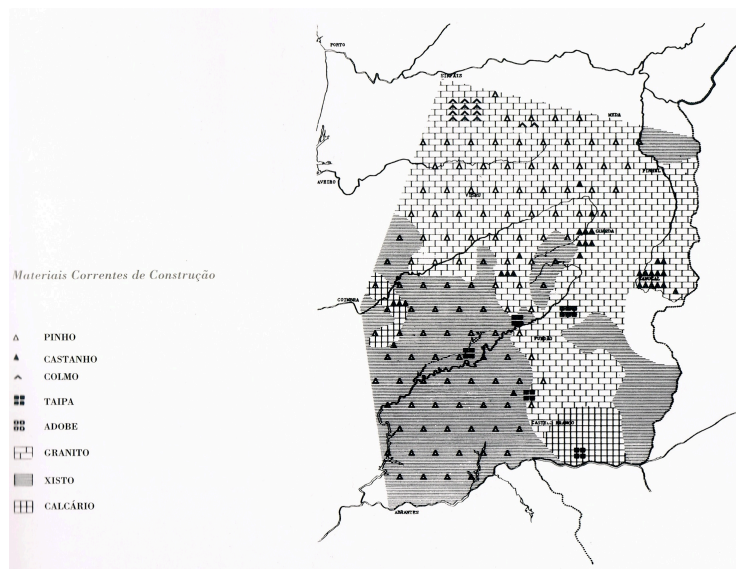


Figura 2. *Materiais Correntes de Construção - Zona 3 Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato*

Como já referido, a questão da materialidade é apontada como outra característica da arquitectura popular. Esta procurou sempre utilizar matérias primas existentes na região, tais como o granito, o xisto ou a madeira de pinho, sendo o granito o material que existe em maior abundância na região e, por consequência, o mais utilizado nas construções. A abundância e variedade de aplicações deste material é justificada pela qualidade do mesmo. Este era extraído de pedreiras ou recolhido directamente do solo, em seguida as pedras eram trabalhadas conforme a sua função; para a construção de muros e paredes, era utilizado um guincho de madeira ou ferro. Porém, o granito não era utilizado unicamente na construção de paredes e muros que delimitam propriedades, encontrando-se também: nas escadas exteriores e interiores de solares e casas apalaçadas; na pavimentação de ruas, pátios e dependências de muitas habitações mais humildes. No *Inquérito*, o granito é descrito como uma pedra nobre, abundante, dócil e económica; considera o seu emprego generalizado, coerente e de tão antiga tradição que se torna fundamental, na compreensão da Beira, a presença do granito nas edificações dos homens que ali viveram e vivem.



Figura 3. *Técnicas de Construção em Granito*

A relação dos materiais com a região, verifica-se novamente na utilização da madeira nas edificações; este material encontra-se na estrutura da cobertura, nos pavimentos, no revestimento dos tectos das casas mais abastadas, em portas, portões e janelas e, ainda, em varandas ou avanços das casas.

Na cobertura, predominava a telha de canudo e em alguns casos a telha "Marselha"; em algumas zonas, o colmo era utilizado como revestimento da cobertura.

O clima apresenta-se como mais um condicionante da arquitectura popular da região da Beira; é possível identificar algumas medidas rudimentares, e sem despesas associadas, que procuravam atenuar os efeitos das condições climáticas. Alguns exemplos disso são: a utilização da palha num forro sob o telhado, com o objectivo de funcionar como isolamento térmico; varandas e patins como forma de melhor aproveitamento do sol, utilizados por exemplo para a secagem de frutos; a orientação sul-poente sempre que possível, sendo o quadrante que mais horas de sol recebe no Inverno e aquele que se encontra mais abrigado de ventos dominantes; a construção de alpendres para a protecção da chuva de carros de bois, lenha, entre outros bens do quotidiano (Ribeiro, 1945).

Apesar das diferenças, "a Arquitectura erudita e Arquitectura popular influenciam-se mutuamente na Beira, como aconteceu aliás, em todas as regiões do Mundo onde foram postas em presença e em confronto, sem perderem, contudo, o essencial das respectivas feições"(AAVV, 2004, p322). As casas populares da região partilham com os solares formas, proporções e materiais; exemplo disso são as varandas alpendradas que, nas casas mais abastadas, assumem grande importância.

"Dum modo geral, parece que as influências recíprocas da Arquitectura regional sobre a erudita e a desta sobre aquela têm, na Beira, características diferentes: no primeiro caso, são certos partidos, ou soluções, que mais frequentemente se encontram na base das transposições eruditas; no segundo, são principalmente os pormenores que impressionam e inspiram o camponês construtor."
(AAVV, 2004, p.322)

Em conclusão, e de uma forma concisa, a Arquitectura Popular Beirã pode ser definida como: modesta; de proporções horizontais; disciplinada; sóbria; hermética, onde as paredes predominam em relação aos vãos; austera; e, acima de tudo, pragmática e marcada por um funcionalismo extremo.

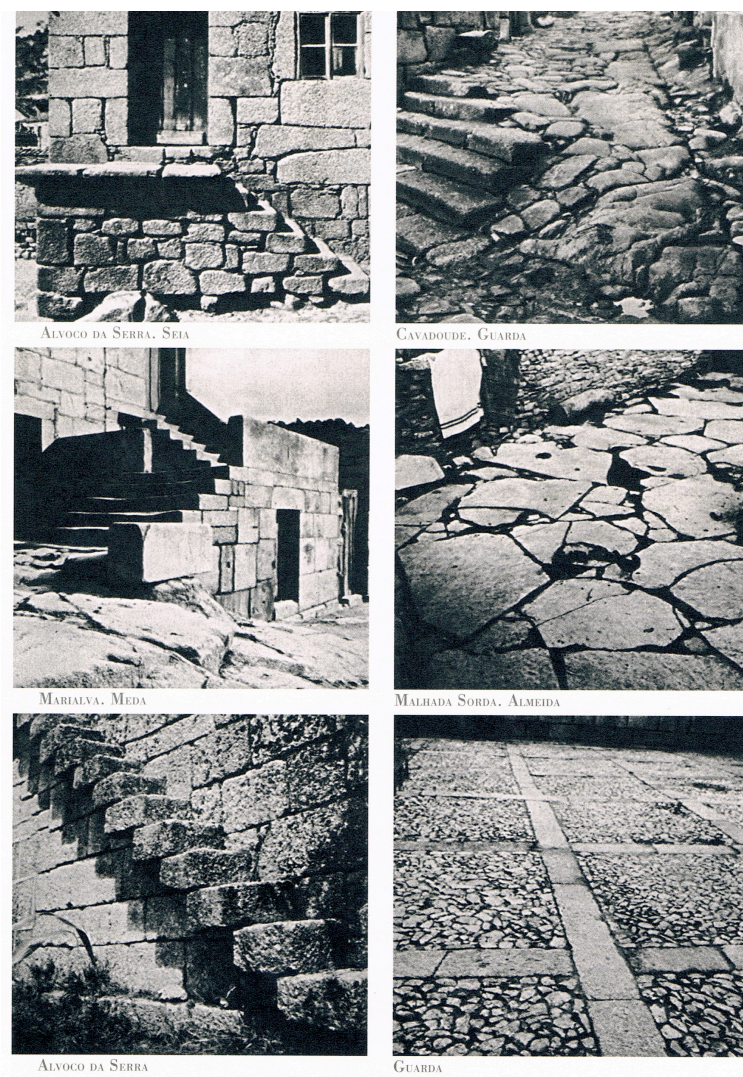


Figura 4. Materialidades - Texturas - Padrões

3. Práticas Contemporâneas do Turismo

3.1 A Evolução do Conceito de Turismo

O fenómeno do turismo tem uma história de quase três séculos. Ao longo do tempo, tem evoluído por diferentes caminhos; estes sem nunca se anularem uns aos outros, adaptam-se a cada lugar e às suas

especificidades. Este fenómeno teve origem no Grand Tour dos séculos XVII e XVIII: viagens realizadas por jovens da aristocracia pelas principais cidades da Europa e em particular por Itália (Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Bolonha) e mais tarde também por França, Espanha e Portugal. Estas viagens tinham objectivos culturais de aperfeiçoamento e enriquecimento intelectual dos jovens, que aprendiam novas línguas e conheciam novas culturas. Estas viagens tinham a duração de dois anos no máximo, e nelas os jovens acompanhados por tutores, além das estadias nas grandes cidades, passavam por cidades mais pequenas, assim como por centros termais.

O século XIX foi marcado por um grande desenvolvimento do turismo, devido à "renovação ideológica e cultural dos progressos do conhecimento científico, designadamente médico, com destaque para o paradigma higienista (banhos de termas e de mar, como antes o climatismo respondia às doenças reais e imaginárias das classes dominantes), e das mudanças económicas e sociais da revolução industrial: as novas mobilidades, com a navegação a vapor e o caminho-de-ferro, tornando mais acessíveis as grandes cidades, as montanhas alpinas, os litorais mediterrâneos, o Egipto e o Vale do Nilo;" (Cavaco, 2006, p309).

Este conjunto de factores potenciou a expansão e massificação do turismo, juntamente com a invenção da viagem organizada, com a criação de bilhetes de comboio para famílias e grupos por Thomas Cook em 1841. Em seguida a invenção do automóvel, primeiramente com motor a vapor e depois com motor de combustão, veio possibilitar a massificação de fluxos turísticos, nomeadamente por parte da classe média. A flexibilidade que o automóvel trazia, mais tarde substituído pelo autocarro, aliado ao baixo custo das deslocações, foi um factor muito importante para o crescimento do turismo de massas. A revolução industrial teve um impacto social muito importante para o desenvolvimento do turismo, com a criação do conceito de "férias" (apenas formalizado em 1936 pelo Front Populaire). Antes o tempo livre era visto apenas como um tempo de recuperação da força de trabalho, utilizado apenas para descansar e dormir. Posteriormente, passou a ser visto como tempo de férias: "tempo anual contínuo realmente livre e remunerado como o de trabalho, mas não necessariamente turístico, já que a maior parte dos trabalhadores ficava em casa e limitava-se a passear nos arredores, pelo campo e beira-mar próximos, ou a visitar familiares e amigos, com retorno às regiões de origem quando acessíveis." (Cavaco, 2006, p310) A partir do anos trinta, mudanças que tiveram um grande impacto na democratização do turismo foram o conceito de férias pagas e a programação de viagens. Estas viagens tinham como objectivos o descanso físico, a formação social e política, o desporto, o excursionismo, entre outros tipos de actividades, que os turistas procuravam para o seu tempo de férias.

"Estava em causa a saúde pela partida, a saúde através da mudança de lugar e do viverem excessos de qualquer natureza, como claramente expresso no turismo social dos anos vinte e trinta, sobretudo na Itália e Alemanha, que era alargado aos jovens (turismo juvenil apoiado nas colónias de férias patronais, sindicais ou de associações religiosas, nas pousadas de juventude, nos clubes desportivos, associações recreativas e outras com fins não lucrativos). (Cavaco, 2006, p310)

A difusão social do turismo levou a que as classes populares aprendessem a deslocar-se, assim como a diferentes formas de alojamento. Foi necessária uma aprendizagem do turismo, primeiro social até se tornar um turismo de massas, das sociedades de massas da época: democráticas e industriais. Desta forma, ao turismo exclusivamente de elites; aristocráticos e burgueses, que viviam dos rendimentos das propriedades e empresa, junta-se o das classes operárias, este com períodos de tempo limitado.

Com a chegada do século XX, o turismo volta a ter um grande crescimento através da conjugação de vários factores na sociedade: crescimento económico; generalização do direito às férias pagas; mobilidade social; mudanças dos modos de vida e emergência dos valores mais urbanos, com lugar para o consumo a crédito, permitindo a satisfação imediata das necessidades sentidas; aumento do nível de rendimentos das famílias e difusão e abrangências da segurança social; novas estradas e auto-estradas; banalização do automóvel; desenvolvimento da aviação comercial, com aviões cada vez maiores, mais rápidos e com preços mais económicos; voos charters e por ultimo das *low cost*, que alargaram os fluxos turísticos internacionais a novos destinos, nomeadamente regiões tropicais do hemisfério sul e ilhas distantes, tornando-as globais; aumento da esperança média de vida e consciência da vulnerabilidade da mesma (Cavaco, 2006; Cohen, 1999). Foram criados guias turísticos que substituíram os relatos das viagens, e permitiam ao turista seleccionar o que queria ver em cada lugar que visitava de uma forma autónoma e sem precisar de ouvir descrições sobre o sítio.

A massificação do turismo não significa que todos têm a mesma probabilidade de irem de férias, mesmo em países desenvolvidos; o seu significado está essencialmente ligado a um crescimento vertiginoso do fenómeno do turismo. Desta forma, em termos estatísticos, "o turismo de massa significa taxas anuais impressionantes de crescimento das deslocações turísticas, das passagens de fronteira e das receitas e despesas correspondentes, assim como da frequência de certos lugares turísticos novos ou reservados antes apenas às elites" (Cavaco, 2006, p327).

São quase sempre as elites que criam as práticas e destinos turísticos; estas são posteriormente adoptados por outros grupos sociais, o que não implica o abandono das elites em favor de outra prática nova. A massificação do turismo cria uma certa passividade nos turistas, que se traduz numa ausência de escolhas: no destino, no modo de deslocação e até nas rotinas diárias. O termo "turismo de massas" não se restringe a um grande número de pessoas, mas sim, a um grande número de pessoas com o mesmo tipo de comportamento. Em conclusão, o turismo de massa tem como princípio a criação em grande escala, de produtos turísticos pouco diferenciados cujo consumo interessa ao conjunto da população. Os fluxos de turismo de massa são geridos tendo como base princípios de uniformização, centralização e maximização, seguindo as lógicas do mercado de massa, para uma sociedade de consumo em massa; não só ao nível turístico como também cultural.

O turismo passou a ser entendido como uma nova actividade humana geradora de múltiplos efeitos, e começa a sentir-se a necessidade de o identificar, para uma melhor compreensão e caracterização. A sua definição prende-se não só com fins estatísticos, mas também do ponto de vista conceptual para delimitar o seu âmbito e compreender melhor o seu funcionamento. Ao longo dos anos vários autores tentaram elaborar uma definição para esta actividade complexa: o turismo. Esta tem vindo a transformar-se numa das maiores actividades económicas mundiais.

"O turismo parece ter adquirido o estatuto de *alfa e ómega* na vitalidade de monumentos, cidades, territórios... Nada pode prosperar sem a bênção desse novo deus do olimpo pós-moderno. Em Portugal e em muitos países sem matérias-primas valiosas e sem as poderosas indústrias que alavancaram os países do Norte desde o século XIX, o turismo surge como a indústria acessível, a que já nos sustenta o presente e na qual o futuro se fixa. (Matos, 2012)

Ao longo dos anos foram várias as definições dadas ao turismo; diferentes pontos de vista e interpretações de um fenómeno que diz respeito ao homem e à sua vontade de procurar fora do seu ambiente satisfação ou novas experiências. A dificuldade em conseguir encontrar uma definição que alcance o consenso generalizado para garantir um referencial comum a quem trabalha no turismo, resulta "da complexidade das actividades e das relações que as viagens turísticas criam, das rápidas e constantes mudanças que ocorrem neste domínio." (Cunha, 2010)

Segundo Licínio Cunha, a primeira definição de turismo surgiu em 1910 e teve como autor o economista austríaco Herman Von Schullern zu Schrattenhofen, segundo o qual o turismo é "o conjunto de todos os fenómenos, em primeiro lugar de ordem económica, que se produzem pela chegada, estadia e partida de viajantes numa comuna, província ou um estado determinado e, por consequência estão directamente ligados entre eles". Esta definição foca-se quase exclusivamente nos fenómenos económicos, e considera como turistas apenas os visitantes de outros países. Na época, estes eram os únicos que se podiam considerar como turistas.

Passado duas décadas, o turismo é identificado por Bornan como "o conjunto das viagens cujo objectivo é o prazer ou por motivos comerciais ou profissionais ou outros análogos e durante os quais a ausência da residência habitual é temporal. Não são turismo as viagens realizadas para deslocar-se ao local de trabalho". Esta nova definição introduz a questão do carácter temporal da deslocação, assim como o alargamento das razões das viagens. Até aos anos trinta, as definições não contemplam a questão monetária; porém ela está implícita no conceito. Norwall em 1936 diz que o turista é aquele que "(...) gasta no país de estada temporária dinheiro que foi ganho noutra lugar". Este aspecto veio influenciar a definição formulada por Hunziker e Krapf em 1942. Segundo estes autores, o turismo é:

"o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência das pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e experiências não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária." Esta definição apresenta quatro ideias muito importantes: o turismo enquanto conjunto de relações; a obrigatoriedade de deslocações para fora da residência habitual; a não utilização para o exercício de actividades remuneradas e, por último, engloba qualquer tipo de pessoa e destino.

Em 1974, Burkar e Medlik defendem a necessidade de distinguir o conceito das definições técnicas; nesta lógica, Kaspar em 1981 define turismo "como o conjunto das relações e fenómenos resultantes da viagem e da estada de pessoas para as quais o lugar de estada não é nem a residência principal e durável nem o lugar usual de trabalho". Mais tarde, no ano de 1982, Mathienson e Wall procuram uma abordagem mais vasta: "é o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos locais normais de residência e de trabalhos, as actividades realizadas durante a estadia, e os equipamentos criados para satisfazer a necessidade dos turistas". Esta última definição realça a questão da oferta e da procura de produtos turísticos, mas apresenta algumas fragilidades na definição deste fenómeno tão complexo.

Existiam muitas outras definições; contudo, foram seleccionadas as mais relevantes do século XX com o intuito de entender pontos comuns entre elas, e como se foram complementando umas às outras. Actualmente o conceito oficial da ONU-OMT - Organização Mundial do Turismo - data de 1994 e define que "o turismo compreende as actividades das pessoas que viajam e permanecem em locais fora do seu ambiente habitual, por não mais do que um ano consecutivo, por motivos de lazer, negócios ou outros fins".

3.2 Relação do Turismo com o Território

O turismo enquanto fenómeno complexo, tem como premissas base uma deslocação, "uma relação com outro tempo, e outro eu, contacto, permanência e até familiaridade e apropriação de outro lugar" (Cavaco, 2006, p299). O lugar turístico, organizado e codificado, tem um papel muito importante na sociedade de consumo e por consequência na economia do país ou região. O turismo potencia a criação de novos espaços, com um carácter mítico e lúdico, diferentes dos espaços do quotidiano. Os espaços podem ser culturais ou apenas sociais, dependendo do público alvo; têm como principal objectivo serem espaços de qualidade, agradáveis, para serem vividos e experienciados como ideais, elevando o conceito de férias para um nível superior (Équipe MIT, 2002).

Os "lugares do turismo" têm um crescimento e um desenvolvimento superior a outros equivalentes. Apesar da sua localização em muitos dos casos afastada geograficamente e também culturalmente das grandes capitais, estes lugares são obrigados a responder às necessidades e exigências dos turistas vindos das grandes cidades. Os turistas, apesar da sua estadia temporária, não gostam de abdicar de alguns dos seus hábitos de bem-estar e sociais; deste modo, os lugares têm que conseguir responder a essa necessidade. Quando os locais turísticos conseguem responder a estas exigências, levam muitas vezes a mudanças definitivas de residência, ou seja, passam de lugar de férias a lugar escolhido para o quotidiano.

Mas "terão uns lugares vocação turística e outros não?" é a questão que Carminda Cavaco levanta acerca desta relação do turismo com o território. Não existe uma resposta clara para esta pergunta; o turismo tanto pode utilizar os recursos naturais de cada lugar, como por outro lado tem o poder de recriar a natureza, criando novos lagos, novas praias, novas estâncias de neve, levando a novas ocupações do território. O Dubai é um exemplo, negativo, da capacidade de recriação do território que o turismo pode ter. Os complexos turísticos lá construídos conseguem conciliar quartos, moradias, lojas, piscinas, pistas de ski com neve artificial; tudo isto no meio do deserto. Outro exemplo deste exagero é a construção de novas ilhas, ou seja, a capacidade de alteração da paisagem.

"O homem é capaz de criar, produzir, inovar o recurso turístico; foi a atracção do contacto directo com a praia que transformou os litorais, "territórios de vazio", marginais, em recursos turísticos; foi o desafio do infinito e do belo que valorizou as altas montanhas e as suas neves, igualmente "territórios do vazio", sem apropriação nem valor de uso; a própria paisagem não é um objecto da natureza mas um produto social, com uma história aliás recente que é a da sua percepção e da sua representação (...)" (Cavaco 2006, citando Deprest, p301)

Os turistas têm a aptidão de inventar novos sentidos para os lugares, que muitas vezes escapa aos residentes; estes sentidos traduzem-se em novas vocações e sentidos no território. Florence Deprest afirma que o turismo, ao multiplicar os lugares da nossa vida, modifica e enriquece a nossa relação com o espaço; leva-nos a conhecer e amar outros lugares; as deslocações do turismo, mesmo que com um carácter provisório contribuem para mudar as relações com os lugares, dando-nos a conhecer novos lugares, e como consequência, mudando as nossas vidas.

3.3 Turismo "pós-moderno" - Novos tipos de Turismo

O turismo moderno ficou marcado pelas tendências de massa e transformou-se numa actividade com grande impacto a nível mundial. Segundo dados estatísticos da Organização Mundial do Turismo, entre 6% a 8% do total de empregos no mundo dependem do turismo; este sector movimenta de forma directa 10% do PIB - Produto Interno Bruto - mundial.

Porém, surgem novas formas de turismo que podem ser classificadas como turismo pós-moderno, que introduzem novos paradigmas no conceito de turismo e turista. As motivações para frequentar um lugar turístico tornam-se cada vez mais complexas. A procura de lugares mais ou menos exóticos, é contraposta com outras práticas, tais como, cuidar da saúde, visita a lugares antigos, históricos, paisagens, zonas rurais. Desta forma, o turismo cultural, ecológico, de montanha, rural e de natureza tem crescido nos últimos anos. Estes novos tipos de turismo associam-se a uma identidade pós-moderna, que reflecte uma mudança na sociedade actual. A cultura passa a ser muito mais valorizada, assim como a identidade local e a memória colectiva dos lugares; o património material e imaterial é uma nova atracção. Da mesma forma, a relação com a natureza no seu estado mais puro é valorizada e preservada. Estes novos turistas preferem a "independência" ao invés de um turismo de pacotes, onde são guiados. O "sentido do lugar" passa a ser uma premissa base dos novos produtos turísticos que são criados. Além disso existe nesta nova demanda turística uma consciência ecológica de respeito pelo território, não só da parte dos turistas como também dos promotores.

"Acrescem novas sensibilidades antropológicas, etnográficas, pelos modos de vida do passado, a consciência de que há só uma terra e em particular dos impactos da frequentação e urbanização turística não controladas: o turismo como factor de degradação do ambiente natural, social e cultural dos destinos, embora também como factor potencial de preservação do mesmo. Acresce ainda a revalorização do identitário..."(Cavaco, 2006, p340)

3.4 Turismo em Espaço Rural - Portugal

Uma das tendências deste novo paradigma do turismo pós-moderno com maior escala é sem duvida o turismo em espaço rural, ou simplesmente TER. Em Portugal nos últimos anos, têm existido políticas nacionais de desenvolvimento rural com objectivos claros de favorecer o sector do turismo. Estas procuram combater o despovoamento das zonas rurais, e os efeitos nefastos deste fenómeno. Deste modo estas políticas pretendem impulsionar o desenvolvimento sustentável das zonas rurais, estimulando para isso a diversificação das actividades económicas locais, aproveitando e potenciando sempre os recursos de cada lugar. Como afirma Luís Silva, estas políticas de desenvolvimento local promovem a multifuncionalidade do campo, e reconhecem no turismo a capacidade de dinamizar a economia, gerando empregos e contribuindo para a fixação de população em áreas rurais.

Em termos jurídicos a definição de TER - Turismo em Espaço Rural - é segundo o decreto-lei Nº54/2002 o "conjunto de actividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados (...) em zonas rurais". O TER compreende serviços de hospedagem em solares e casas nobres, quintas com variadas actividades agrícolas, casas "típicas" de cada região onde a arquitectura popular é utilizada como símbolo da

região, ou ainda, hotéis e parques de campismo rurais. Porém, o conceito de TER engloba na sua definição sete modalidades de alojamento: Turismo de Habitação, Turismo Rural, Turismo de Aldeia, AgroTurismo, Casas de Campo, Hotéis Rurais e Parques de Campismo Rurais (Decreto-Lei N°54/2002). Luís Silva estudou em profundidade este tipo de turismo e define algumas destas modalidades de uma forma muito sintética e clara: "(...) Turismo de Habitação proporciona a estadia numa casa senhorial e o convívio com representantes da antiga nobreza de província. O AgroTurismo proporciona o contacto com o quotidiano de uma quinta de lavoura. O Turismo de Aldeia, o Turismo Rural e as Casas de Campo proporcionam a estadia numa típica casa de aldeia, residindo a diferença entre estas modalidades no modo como são geridas as unidades e na existência ou não de coabitação entre hóspedes e hospedeiros." Estas modalidades de hospedagem TER são definidas de uma forma mais completa no Decreto-Lei N°54/2002.

Em Portugal, a procura de produtos turísticos em espaços rurais tem vindo a aumentar, fundamentalmente por populações urbanas. Este aumento é um reflexo da mudança de paradigma da sociedade contemporânea em relação ao turismo. As áreas rurais passam a ser entendidas como bens de consumo, onde o património cultural assume um papel muito importante na propaganda dos produtos turísticos. Deste modo, o turismo em espaços rurais em Portugal é uma forma de explorar uma matéria prima única; essencial para o desenvolvimento das economias locais.

O público alvo do TER é maioritariamente proveniente de grandes centros urbanos; é uma população com idades compreendidas entre os 31 e 45 anos de idade e com profissões científicas e intelectuais, como mostra a figura seguinte.

Escalões etários dos hóspedes

Idades	Número relativo
Até 30 anos	33,2%
De 31 a 45 anos	40,5%
De 46 a 60 anos	20,7%
Mais de 60 anos	5,5%

Profissões dos hóspedes

Categoria profissional	Número relativo
Profissões intelectuais e científicas	56,3%
Directores e quadros dirigentes	12,3%
Pessoal administrativo	7,7%
Pessoal do comércio e vendedores	6,7%
Pessoal de serviços e similares	4,3%
Trabalhadores da produção	3,0%
Inactivos	9,7%

Figura 5. TER-Público Alvo

As motivações que levam os turistas a escolher este tipo de alojamento são várias. Em primeiro lugar, é importante entender a definição da motivação turística enquanto "uma disposição mental significativa que dispõe adequadamente um actor ou grupo de actores para viajar" (Sharpley 1999). No contexto do turismo em espaço rural, em Portugal as motivações turísticas têm origem em fenómenos de ordem social e psicológica; estas estão associadas à necessidade que cada um tem de quebrar a rotina quotidiana procurando experiências/vivências que não existem no local onde se vive e trabalha. Desta forma, a motivação assenta numa vontade dupla de busca e escape: "o turismo proporciona um escape para evitar algo e para simultaneamente procurar algo" (Pearce, 1995).

O turismo em espaços rurais consegue responder à vontade de afastamento, não só físico como também temporal do ambiente citadino, possibilitando um descanso, relaxamento e contacto com a natureza em ambiente rural. O objecto paisagem é um dos pontos de atracção deste tipo de destino (Fig.6); Tuan define este tipo de paisagem como "intermédia"; não é totalmente selvagem, nem totalmente humanizada: "é o mundo intermédio ideal do homem colocado entre polaridades da cidade e da natureza" (Tuan, 1974).



Figura 6. *Pedras Salgadas Eco-Resort*

3.5 TER-Turismo em Espaço Rural como factor de desenvolvimento local

O fenómeno do turismo está indiscutivelmente ligado ao desenvolvimento das áreas onde é praticado. Este desenvolvimento regista-se a vários níveis, tais como económicos e sociais. Deste modo, o turismo é visto como uma mais valia para as regiões. Nos últimos anos, as políticas formuladas pelo Estado Português assim como pela União Europeia, apontam o turismo como forma de combate à depressão económica e demográfica, em que muitas áreas do país se encontram.

O desenvolvimento rural é um dos objectivos a promover, nos últimos anos do século XX, no contexto da União Europeia; procura resolver os problemas das áreas rurais e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes de um modo sustentável. Além do lado ambiental e ecológico, estas políticas de desenvolvimento rural procuram potenciar os recursos endógenos; estes, juntamente com as populações locais, são os principais intervenientes deste processo, juntamente com o Estado e outras instituições públicas.

A iniciativa comunitária LEADER (Ligação entre Acções de Desenvolvimento e Economia Rural) é um dos principais instrumentos para a implantação destas medidas. Teve um papel muito importante na atribuição de incentivos financeiros para a criação ou melhoria das unidades de Turismo em Espaço Rural no nosso país; promoveu ainda outros tipos de produtos turísticos em zonas rurais. O fenómeno do turismo é visto, sem dúvida, como uma mais valia para as áreas onde se implanta, contribuindo para "a criação de emprego, equipamentos e infra-estruturas, para o desenvolvimento do comércio e dos serviços e ainda para o aumento dos rendimentos das famílias rurais, para a fixação da população rural e para a preservação e valorização dos recursos ambientais e patrimoniais, embora envolva certos perigos e desvantagens, como sejam a existência de flutuações de mercado, a eventual criação de tensões entre os membros das comunidades hospedeiras e a destruição do património e ambiente da zona" (Silva, 2009). Esta visão optimista entre a relação directa do turismo e o desenvolvimento das suas áreas de implantação não é consensual no quadro das ciências sociais. A implantação de certos tipos de produtos de turismo rural não tem o mesmo tipo de reacção em todos os locais, não só da parte dos turistas como também dos habitantes.

O desenvolvimento local acontece também no plano cultural, promovendo o intercâmbio entre pessoas de diferentes origens e idades. Este é um dos aspectos mais valorizados neste tipo de turismo, não só pelos proprietários, mas também pelos hóspedes. Este lado de proximidade e humanidade é um dos pontos fortes do TER, contrapondo-se ao turismo de massas, que tem um carácter muito mais impessoal. No caso de Portugal, podemos considerar que esta forma de receber, hospitaleira e simpática, intrínseca à cultura do país, é utilizado como uma mais valia associada a este tipo de produto turístico. O autor Luís Silva, chama a este fenómeno a "mercantilização da hospitalidade", considerando-a como uma "matéria-prima" que deve ser aproveitada e explorada. Ainda no âmbito cultural, o turismo em espaço rural assume um papel importante na manutenção de algumas tradições locais, como exemplo: o artesanato ou as festas e romarias. Estas assumem-se como mais um ponto forte deste tipo de turismo, que apresenta aos hóspedes uma cultura completamente diferente daquela dos seus quotidianos. O turismo em espaço rural contribui ainda para a preservação da gastronomia tradicional. As unidades de TER com serviço de restaurante "têm como imperativo legal a existência de pratos típicos das regiões onde se integram."(Silva, 2009)

Em relação aos aspectos negativos que este tipo de turismo carrega, estes até à data são muito reduzidos devido, principalmente, ao reduzido número de hóspedes. Deste modo, quanto aos riscos para as regiões associados ao turismo de massas, no turismo em espaço rural são minimizados pela pequena escala dos próprios produtos turísticos. Por outro lado, igualmente devido à escala reduzida, a criação de novos postos de emprego associados aos locais de hospedagem é pouco significativa. Segundo Luís Silva, apoiado num levantamento a nível nacional, a maioria das unidades têm apenas um ou dois trabalhadores permanentes, algumas não possuem sequer nenhum tipo de trabalhador nestas condições. Em muitos casos, estes serviços são assegurados pelos próprios proprietários da unidade hoteleira. Deste modo, podemos admitir que a criação de postos de trabalho através da implantação de equipamentos turísticos em áreas rurais não é directa, ou seja, esses novos postos de trabalho não correspondem aos que estão directamente ligados às unidades, mas sim aqueles que de uma forma indirecta são criados ou mantidos no tecido económico da região. Estes postos de trabalho são principalmente relacionados com o sector do comércio ou dos serviços.

Por fim, o turismo em espaço rural potencia a "manutenção de laços com a propriedade e com a terra" por um conjunto de pessoas, pertencentes às classes médias rurais e urbanas. Estes proprietários das unidades hoteleiras admitem que, de outra forma, a sua fixação nas regiões seria impossível.

4. Turismo Rural e Arquitectura

4.1 Importância da Arquitectura no conceito de Turismo Rural

No fenómeno do Turismo Rural, os lugares e as suas culturas são utilizados e potenciados na promoção de novos produtos turísticos. Este trabalho pretende, desta forma, clarificar a relação e a importância da arquitectura na revitalização de lugares rurais através do turismo, entendendo que esta relação é recíproca, pois é igualmente positiva para a conservação do património arquitectónico e cultural. O presidente da TURIHAB, a mais antiga Associação de Proprietários de TER em Portugal, afirma que "o turismo é realmente a única hipótese de salvaguardar as casas, porque as casas que estejam abertas como Turismo em Espaço Rural, têm manutenções elevadas e portanto custos elevados; o turismo é então uma alternativa à agricultura, que se encontra de rastos, como forma de gerar receitas que garantam a sobrevivências dessas mesmas casas." Os equipamentos turísticos, que se instalam em antigas casas típicas, procuram oferecer aos seus hóspedes uma experiência cultural,

aproximando-os do que seria ao quotidiano numa região rural. Deste modo, a arquitectura é vista como um elemento simulador de uma vivência que muitos hóspedes nunca haviam experienciado, podendo ser considerada como o interface entre os turistas e o lugar. Porém, a noção de património rural não se limita a arquitectura popular; inclui igualmente o património histórico, os vestígios arqueológicos, as paisagens, as festas, as feiras e romarias, a gastronomia, o artesanato, o folclore e a medicina tradicional.

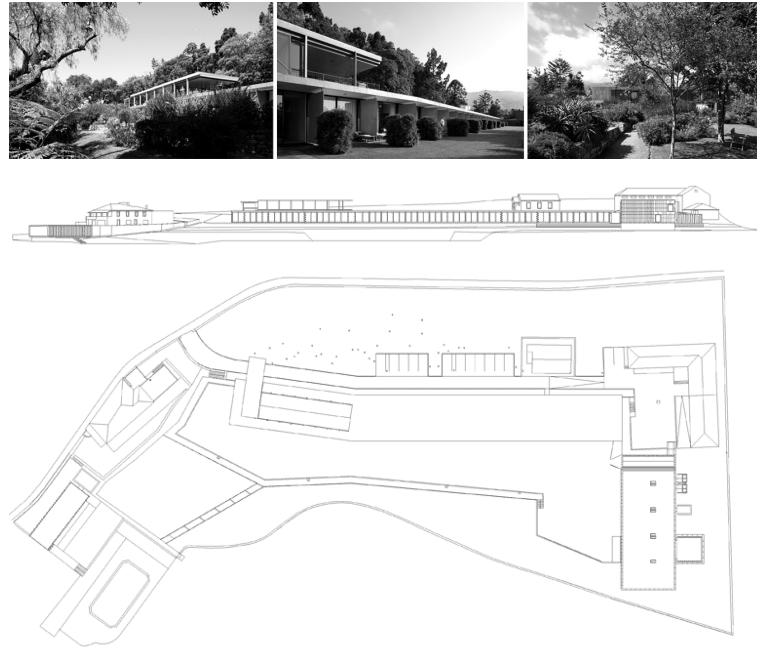


Figura 7. *Estalagem Quinta da Casa Branca - Atelier Bugio*

Exemplo desta relação entre a arquitectura popular e o turismo, é o caso do equipamento hoteleiro Casas do Côro na aldeia de Marialva, concelho de Mêda (Fig.8). Este produto turístico enquadra-se na modalidade de Turismo de Aldeia, sendo composto por um conjunto de unidades de hospedagem instaladas em antigos edifícios de arquitectura vernacular reabilitados. O dialogo entre o equipamento turístico e o lugar está muito marcado, e remete os turistas para uma experiência única, que combina as premissas de conforto e sustentabilidade do presente, com a ruralidade do passado daquele povoamento. É possível uma aproximação à vivência em meio rural, onde se reencontram valores autênticos e genuínos, possibilitando a adopção de modelos de vida alternativos, baseados em relações sociais e de qualidade ambiental superior. Este tipo de produtos turísticos promove uma construção social da ruralidade do passado, contudo, não descarta o desenvolvimento económico e social das regiões onde se inserem.



Figura 8. Casa do Côro - Marialva

A relação da arquitectura com o turismo em espaço rural remete-nos para a noção da identidade dos lugares. É importante perceber de que modo as novas intervenções arquitectónicas devem entender, reinterpretar e potenciar a identidade dos lugares, na integração de novos produtos turísticos em meios rurais. Deste modo, os próximos tópicos procuram apresentar uma reflexão sobre a noção de *lugar*, identidade do lugar, *genius loci* e regionalismo crítico, terminando com a apresentação de dois casos de estudo que incidem sobre a temática.

4.2 A Identidade do Lugar

4.2.1 A ideia de *lugar*

Terá cada lugar uma identidade própria? Será uma obrigação da arquitectura respeitar e potenciar as características únicas de cada lugar? Deve o lugar fazer parte da base de concepção de cada projecto, ou pode a relação entre os dois ser menos directa?

Na linha de pensamento das ciências exactas, como a matemática e a geometria, o espaço é visto como algo homogéneo, universal. O Movimento Moderno sofreu grandes influências destas ciências, levando o objecto arquitectónico a tornar-se autónomo em relação ao lugar da sua implantação. Esta globalização da arquitectura fez com que muitas culturas locais se perdessem.

A ideia de *lugar* é um conceito mental que acompanha o homem em toda a sua existência. Pode ser reconhecido como um determinado espaço físico do planeta Terra, entendido como uma especificação

de um sítio que acompanha a vivência diária dos homens. A sua área é marcada pelo seu próprio carácter, aliada, ou não, à intenção humana. Aristóteles na sua definição de *lugar*, enfatiza a noção de limite pelo invólucro interior determinado pela envolvente. O *lugar* é apresentado como algo que contém objectos, corpos que o definem, considerando por isso que o *lugar* não é uma forma ou matéria.

"O lugar é o primeiro invólucro interior, em repouso, que possui o corpo envolvente (ou seja, o corpo que confirma o lugar). O lugar encontra-se num lugar, não como uma coisa num lugar, mas como o limite está no que o limita." (Muntañola, 1996)

O ser humano, pelas características que lhe estão associadas, e que o tornam único no mundo animal, manifestou desde cedo a vontade de se fixar e demarcar o seu território. Desde as primeiras manifestações de arquitectura que a relação entre o espaço natural e o espaço construído é muito estreita. Este aspecto remete para a arquitectura uma capacidade de entendimento do mundo, como definição da identidade cultural e religiosa, e também para a forma como o Homem se coloca perante o mundo e a sociedade. Vitruvius, no capítulo I do Segundo Livro do *De Architectura*, aborda o tema da origem da arquitectura a partir da cabana primitiva. Esta abordagem racionalista tem um lado simbólico relacionado com o conceito de abrigo. A necessidade de protecção terá sido o que o levou o homem a, em primeiro lugar, utilizar as cavernas como refúgio e posteriormente a construir e habitar um espaço. Mas o conceito de habitar é muito mais complexo, implica a conquista do espaço e a sua transformação em lugar através do sagrado, não se limita à procura de abrigo.

"A casa, sendo o lugar central da existência humana, o sítio onde a criança aprende a compreender a sua existência no mundo e o lugar de onde o homem parte e regressa..." (Norberg-Schulz, 1975)

Na Grécia antiga, nem todas as construções eram consideradas arquitectura, apenas aquelas que eram verdadeiramente significativas. A palavra arquitectura deriva do grego *architektonia*. A preposição *archi*, no Egipto *Anch*, significa força vital, e atribui à construção, *tektonia*, um sentido de superioridade. Desta forma, a arquitectura comporta na sua génese valores simbólicos e sagrados, para além das capacidades técnicas do homem.

A partir dos séculos VI e V a.C., graças à conjuntura religiosa e cultural, foi possível, por intermédio do pensamento racional e abstracto, uma reconquista do mundo através do conhecimento, existindo uma nova confiança no homem que entende a Terra como lugar de todas as coisas. Pela primeira vez, o Mundo é representado "em forma de mapa por Anaximandro, que concebe a terra, centro do universo esférico, como um tronco de cilindro, habitado pelos mortais na sua face superior, limitada

pelo oceano circular. E o seu globo celeste, regista os lugares e configurações das constelações." (Rabaça, 2005, p97)

A partir do século IV a.C., as atitudes racionalistas aumentam por intermédio do crescimento do ateísmo e do estoicismo. O olhar sobre a natureza despe-se de constrangimentos e a experiência do corpo na paisagem ganha uma nova dimensão no conhecimento. Com o estoicismo, os lugares readquirem um carácter sagrado, por vias distintas das apontadas pelo ateísmo: a Terra eleva-se a divindade, um universo material para além do qual nada existe. O homem, seu habitante, torna-se também divino, num retorno a uma natureza divinizada, enfraquecendo a distinção entre sagrado e profano, onde a arquitectura sagrada demonstra a vontade da natureza através da acção do homem.

A vontade humana de construir à sua imagem ideal, compõe um princípio importante para entender as causas de tão vasto património arquitectónico. Contudo, se por um lado o conceito de *lugar* é reconhecido como uma âncora no acto de criação em arquitectura, por outro lado, emerge a procura de novos paradigmas para a relação da arquitectura com o *lugar*, alimentados pela evolução e necessidades de um mundo contemporâneo, feito de imagens cada vez mais efémeras; diluindo a relação entre os lugares e a arquitectura.

Na aproximação a um *lugar*, o ser humano tenta em primeiro uma legibilidade visual do conjunto de elementos que compõem o espaço, tanto na sua dimensão natural como na dimensão artificial (intervenção humana) de modo a ter uma percepção da totalidade. Neste acto de percepção do lugar, o ser humano depara-se com uma dualidade de existências, consegue visualizar as qualidades físicas (racionalis) e ao mesmo tempo consegue sentir algo mais abstracto. A percepção do *lugar* é feita através do que pode ser visto, mas também do que pode ser sentido. Deste modo, entende-se que o conceito de lugar é determinado pela sua estrutura local, que sendo originária da paisagem natural em conjunto com as intervenções humanas, e percebida como tal, leva a uma definição individual como *lugar*.

"...como indica Aristóteles e insiste Hegel, o lugar é sempre de algo ou de alguém..." (Muntañola, 1996)

Esta breve abordagem à origem histórica do conceito de *lugar* destina-se apenas, no âmbito deste trabalho, a situar a ideia de *lugar*, a sua génese simbólica, assim como a evolução do seu significado para o homem ao longo dos tempos e a sua forma de percepção dos lugares. Introdz também questões relativas à sua importância para a arquitectura, enquanto premissa base de integração ou base conceptual do acto de projecto.

4.2.2 *Genius Loci* - "o espírito do lugar"

A compreensão do *Genius Loci*, ou "espírito do lugar", conceito herdado da antiguidade clássica, permite-nos reconhecer a realidade concreta do lugar, possibilitando à arquitectura a criação de condições ideais para habitar através da fundação de lugares significativos. Como foi referido anteriormente, a ideia de lugar pode ser definida como uma área física delimitada pelo seu próprio carácter, o seu *Genius Loci*.

Segundo Christian Norberg-Schulz, esta entidade intrínseca a todos os lugares é única. Este teórico fez vários estudos sobre o conceito de lugar e a sua relação com a arquitectura. O *Genius Loci* foi inventado pelos Romanos que entendiam que um edifício só deveria ser construído se o lugar a ele destinado estivesse sob a protecção do Deus do lugar, uma divindade, o espírito do lugar.

“Mas todo este complexo – água, árvores, montanha, gruta – (...), não era mais do que o desenvolvimento de uma ideia religiosa ainda mais antiga: a do local perfeito, quer dizer, completo—(...) lugar de imortalidade.” (Eliade, 1992, p76)

O entendimento dessa identidade dos lugares permite uma melhor utilização do mesmo, por exemplo na concepção arquitectónica. Para Schulz, a relação do edifício com a envolvente é uma das categorias básicas do planeamento urbano e da arquitectura, onde a solução técnica deve estar de acordo com as condições locais, assim como a análise formal deve ter em consideração a envolvente onde este se insere. Segundo Schulz, a envolvente afecta os edifícios, determinando a dimensão dos espaços, mas também a sua forma. Contudo, a relação da arquitectura com o lugar não é a única premissa tida em consideração na concepção arquitectónica; também os aspectos sociais; e culturais assumem um papel importante e enriquecedor do projecto

Para este autor, a totalidade arquitectónica só encontra uma solução quando a estrutura do conteúdo encontra a sua equivalente formal, ou seja, a qualidade arquitectónica advém da correspondência entre o significado e a forma.

“*Genius Loci* é um conceito romano. De acordo com as crenças romanas qualquer ser ‘independente’ tem o seu ‘*genius*’, o seu espírito guardião. Este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até à morte, e determina o seu carácter ou essência. Mesmo os deuses têm o seu ‘*genius*’, um facto que ilustra a natureza fundamental do conceito. O ‘*genius*’ denota o que um objecto é ou o que este quer ser - usando um termo de Louis Kahn.” (Mandolasi, 1988)

4.2.3 Regionalismo Crítico

O actual processo de globalização traz consigo efeitos negativos para as culturas tradicionais, assim como para as fundações criativas de grandes civilizações. Sobre estas culturas é exercido um "desgaste". A expressão deste fenómeno é o fomentar de uma cultura de consumo básico em todo o mundo, onde para entrar na rota da modernização e da globalização é obrigatório ignorar todo o passado cultural de um país ou região. É este dilema que as sociedades têm de enfrentar; por um lado, a necessidade de participar na civilização moderna, adquirindo uma racionalidade científica, técnica e política; e por outro lado conseguir manter os valores culturais do seu passado. O conceito de regionalismo crítico vive deste paradoxo: "como tornar-se moderno e voltar às raízes; como reviver uma civilização antiga e adormecida e participar na civilização universal?..." (Ricoeur, 1961)

Nem todas as culturas conseguem absorver o impacto da civilização moderna; o regionalismo crítico aponta para um progresso sempre ligado às origens, adoptando uma atitude de integração das novas tendências com o património social e cultural de cada região.

Este conceito foi utilizado em primeiro lugar por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre como reacção à indiferença do objecto arquitectónico em relação ao lugar onde se implanta. Este movimento pretende fazer uma reinterpretação dos princípios do movimento moderno, garantindo uma independência cultural, económica e política local, opondo-se à civilização universal. Ao contrário do regionalismo puro, o regionalismo crítico não procura uma reprodução da arquitectura vernácula das regiões, mas sim, procura reflectir sobre as principais características dessa mesma arquitectura e reinterpretá-la com os princípios do movimento moderno.

"Enquanto o historicismo do século oitocentista deveria fornecer um álibi cultural, o moderno esforça-se para demonstrar ao indivíduo a sua actualidade" (Norberg-Schulz, 1979)

O conceito de regionalismo crítico foi adoptado por Kenneth Frampton e aprofundado pelo mesmo no seu livro *História Crítica da Arquitectura Moderna* (1980). O autor define-o como uma prática de natureza marginal que se centra em dois pressupostos essenciais para a leitura do lugar arquitectónico: o entendimento do lugar e a tectónica. O entendimento do lugar centra-se no aspecto da evocação do sítio onde se implanta a obra arquitectónica. A tectónica diz respeito à experiência que os materiais provocam nos utilizadores dos edifícios e não se restringem ao aspecto visual. Sobre o entendimento do lugar, Frampton afirma que o regionalismo crítico, "em vez de enfatizar a construção como um objecto independente, faz a ênfase incidir sobre o território a ser estabelecido pela estrutura erguida no lugar. Essa forma do lugar significa que o arquitecto deve reconhecer o limite físico da sua obra como uma espécie de limite temporal - o ponto no qual se interrompe o acto de construir".

Deste modo, são enfatizados alguns aspectos do lugar: topografia, clima, vistas e a sua luz específica. A luz é entendida como o elemento básico através do qual os volumes e o valor tectónico da obra são revelados. O regionalismo crítico opõe-se à utilização de sistemas e subsistemas adoptados pela civilização universal, procurando tratar todas as aberturas como zonas delicadas e únicas de transição, reagindo às condições únicas que o lugar apresenta. No campo da tectónica o regionalismo crítico enfatiza tanto o tátil como o visual, devendo os materiais criar diferentes sensações de temperatura, diferentes iluminações, correntes de ar e cheiros intrínsecos ao lugar onde o edifício está implantado. Os arquitectos devem procurar utilizar elementos vernáculos e materiais da região, reinterpretados e conjugados com elementos modernos na construção, procurando "...uma cultura contemporânea voltada para o lugar sem tornar-se por isso, excessivamente hermético, tanto no nível da referência formal quando no da tecnologia. A esse respeito tende à criação paradoxal de uma "cultura mundial" de bases regionalistas, quase como se isto fosse um pré-condição para a conquista de uma forma relevante de prática contemporânea". (Frampton, 2000)

Frampton segue a linha de Ricoeur, afirmando que para manter qualquer tipo de cultura autêntica no futuro, será necessária a capacidade de gerar formas vitais de cultura regional, enquanto nos apropriamos de influências universais. É esta conjugação que o regionalismo crítico suporta enquanto forma de projecto arquitectónico e não só.

"...La noción de lugar aparece indisolublemente ligada a la noción de tiempo. Los lugares de las culturas históricas han sido, casi siempre, desafíos al tiempo, monumentos que acumulan la memoria..." (Solà-Morales, 1995)

Para Frampton, o construído é resultado da conjugação de três vectores convergentes: *topos*, *typos* e *tectónica*. Estes, de forma articulada, constituem o lugar arquitectónico na relação da obra com a sua envolvente. O *topos* diz respeito à forma de implantação, que se prende com a topografia, a luz, o vento, as vistas; o *typos* prende-se com os materiais de construção, a estrutura, o tipo de vão, as fachadas; e a *tectónica*, revela-se na materialidade, mas também inclui a passagem do tempo e as sensações que os materiais provocam em nós e definem aquele lugar.

"...tudo se resolve, quer na forma como algo é realizado, como na própria manifestação da sua forma. Não se trata de negar a criatividade espacial, mas intensificar o seu carácter através da sua realização precisa. Assim, o presenciar de uma obra é inseparável da forma da sua implantação no terreno e o ascender da sua estrutura através da combinação do apoio, vão, alheta, e junta, do ritmo do seu revestimento e da modelação da fenestração. Situada no ponto de contacto entre a cultura e a natureza..." (Frampton, 1998)

Frampton no seu artigo *Por um regionalismo crítico: seis pontos para uma arquitectura de resistência*, define uma série de paradoxos que procuram a construção de um raciocínio em torno da

civilização universal e a cultural local; são eles: cultura e civilização, ascensão e queda da vanguarda, regionalismo crítico e cultura mundial, resistência da forma do lugar, cultura e natureza, visual e táctil.

De uma forma sintetizada, o regionalismo crítico defende as seguintes características:

- uma prática marginal, que embora crítica acerca da modernização, utiliza aspectos progressistas do legado da arquitectura moderna; afasta-se da optimização normativa e das utopias do movimento moderno;
- procura enfatizar a relação do objecto com o lugar;
- integra, na base conceptual do projecto, os factores específicos do lugar: topografia, materiais da região, clima, luz, cultura;
- o acto de habitar o espaço vai muito mais além da percepção visual, procurando percepções complementares, como diferentes tipos de iluminação, cheiros, sons e temperaturas, tornando a experiência muito mais rica e complexa;
- recusa a simulação sentimental da arquitectura vernacular, procura antes a criação de uma arquitectura contemporânea, voltada para o lugar mas sem se tornar demasiado hermético na referência formal e tecnológica.

"...as formas arquitectónicas resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e ainda de um espírito próprio daquele que age sobre o mesmo material..."
(Trigueiros, 1993)

4.2.4 O Lugar e a Arquitectura na Contemporaneidade Portuguesa: Fernando Távora e Álvaro Siza Vieira

Na continuação da abordagem da relação entre o Lugar e Arquitectura, foram escolhidos dois arquitectos portugueses, que pelas suas obras apresentam diferentes tipos de diálogo entre o lugar e o projecto. No caso específico português, o levantamento da arquitectura popular de 1955 potenciou uma nova visão sobre os lugares e as arquitecturas populares, oferecendo este, premissas sólidas para muitos arquitectos que seguiam, e seguem, as linhas de pensamento do movimento: regionalismo crítico.

O levantamento da arquitectura popular portuguesa entre 1955 e 1960, no qual Fernando Távora, Keil Amaral, entre outros arquitectos, percorreram o país com o objectivo de registar todo o tipo de arquitectura popular existente, teve uma forte influência nos arquitectos da geração de 50.

A arquitectura popular portuguesa é um bom exemplo no que diz respeito à apropriação do lugar, tanto na utilização dos materiais locais, como na adaptação à topografia, e sobretudo como resposta a uma cultura.

"Também a arquitectura popular estabelece relações profundas com os sítios através do saber acumulado de gerações, consubstanciando-se na organização social do espaço e no uso dos materiais de construção" (Marques, 2001)

Uma das conclusões retiradas deste levantamento foi que, conforme as materialidades locais, assim a arquitectura presente se modificava. A variação das matérias primas de local para local resulta em linguagens diferentes nas construções. Cada material apresenta a sua forma de ser trabalhada e aplicada; desde o granito da Beira, ao xisto, ou às casas caiadas no Alentejo, a relação da arquitectura com o lugar é muito estreita.

Fernando Távora teve uma grande importância na questão do regionalismo em Portugal, procurando a relação entre a tradição da arquitectura portuguesa com as possibilidades que o movimento moderno introduziu na arquitectura. Távora entendia o lugar enquanto pré-existência e deveria ser um dos factores a ter em consideração na organização de qualquer espaço.

O arquitecto considerava que a responsabilidade pela situação caótica da arquitectura portuguesa era, entre outros factores, "pela não consideração das qualidades dos sítios, em resumo, pela ignorância de todo o sistema de relações que deve existir entre a arquitectura e a circunstância que a envolve e pela cobardia de, quando tal circunstância tem aspecto negativo, recluir combatê-la, recluir melhorá-la, recluir transforma-la" (Távora, 1996).

No seguimento desta pesquisa, foi escolhido outro autor português que nas suas obras estabelece sempre uma forte relação com o lugar, o arquitecto Álvaro Siza Vieira. Um dos aspectos mais relevantes da sua obra é a relação estabelecida com a envolvente. Segundo este autor, a organização do espaço tem como premissas base a conciliação entre a natureza, as pré-existências e o que se está a projectar. O lugar assume o papel de matriz que determina o desenho do projecto. Um dos exemplos da forte relação com a envolvente na obra de Siza é o projecto da Piscina das Marés (1960), em Leça da Palmeira (Fig.9).

Neste projecto existiu uma importante análise morfológica para que este conseguisse responder ao lugar, pois as rochas faziam o limite entre a terra e o mar. É através das bolsas geradas pelas rochas que o arquitecto procura uma interacção, não só tectónica, como também conceptual. Outro ponto importante na relação com o lugar é o carácter de transição que a arquitectura ganha, estabelecendo o limite entre a água e as rochas. O projecto procura um diálogo de harmonia com a envolvente. As bolsas onde as piscinas foram construídas já existiam, sendo este o lugar que define a implantação do

projecto. A materialidade também tem um papel muito importante na obra, na procura de uma "cozedura" entre o construído e o lugar. No projecto o arquitecto consegue por intermédio de acidentes naturais dos rochedos a criação de espaços mais controlados. O edifício onde se encontra o resto do programa acontece como uma abertura tridimensional e organiza a passagem da terra para o mar, existindo planos verticais que abrem e encerram o horizonte, criando um percurso de aproximação às piscinas. Este projecto é um bom exemplo da integração do lugar na base conceptual do projecto, procurando a criação de um diálogo de harmonia entre o existente e o novo.



Figura 9. *Piscina das Marés - Siza Vieira*

Contra a tendência de globalização trazida para a arquitectura pelo Movimento Moderno, tornam-se essenciais este tipo de reflexões sobre a identidade dos locais e a sua singularidade. Esta corrente pós-modernista procura preservar e potenciar as culturas e tradições locais; não sendo totalmente permeável ao Movimento Moderno, procura uma conjugação dos valores do lugar com as premissas do mesmo. Os arquitectos devem cultivar uma sensibilidade na leitura dos lugares, de forma a melhorar a utilização dos seus recursos, sem recorrer a subsistemas, procurando sempre um diálogo de harmonia entre o lugar e o projecto, onde a singularidade de cada lugar/região deve ser respeitada.

4.3 Casos de Estudo

No seguimento do estudo sobre a relação da arquitectura com o turismo, foram seleccionados dois casos de estudo. Estes dois equipamentos hoteleiros apresentam duas formas de intervenção e relação com a identidade do lugar.

O primeiro, a Pousada de Santa Marinha da Costa, antigo convento adaptado a pousada no ano de 1985 pelo arquitecto Fernando Távora, é um projecto de reabilitação de um edifício com valor histórico, que levou o arquitecto a fazer uma reflexão entre as qualidades patrimoniais do edifício e a necessidade de adaptação a princípios contemporâneos inerentes a um programa de um equipamento hoteleiro com todas as suas regras e condicionantes.

O segundo projecto, o Hotel Rio do Prado do arquitecto Jorge Sousa Santos, ilustra uma abordagem ao tema mais actual (edificada em 2012) e bastante distinta. Esta, tratando-se de uma construção nova, de raiz, procura estabelecer com a identidade do lugar uma relação de harmonia, demonstrando ainda grandes preocupações de sustentabilidade e respeito pela paisagem.

A escolha destas duas formas de abordagem ao tema, não pretende criar meios de comparação entre os dois projectos, mas sim ajudar a criar bases sólidas sobre os diferentes tipos de abordagem à problemática, testados no projecto final.

4.3.1 Pousada de Santa Marinha da Costa - Fernando Távora

O primeiro objecto de estudo, o projecto de Santa Marinha da Costa em Guimarães é uma intervenção que surge no contexto das acções da DGEMN - Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Este projecto assumiu uma grande importância pela sua inovadora abordagem metodológica no projecto: uma perspectiva de intervenção integrada, pautada por uma vasta cultura arquitectónica e sobre o tema do património. Neste projecto, Fernando Távora procurou uma autonomia em relação às orientações que geralmente definiam as reabilitações e restauros a monumentos nacionais, ou imóveis de interesse público, reflectindo na sua intervenção sobre o papel do valor histórico em função do valor da construção nova.

"...pretendeu-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a ruptura" (Távora, 1996)

Este equipamento hoteleiro está integrado na rede de Pousadas de Portugal com a classificação de Pousada Histórica. O programa é composto por 49 (22 resultam da adaptação das antigas celas dos monges), duas suites, refeitório com 176 lugares, salão de banquetes com 50 lugares e esplanada com 128 lugares, segundo o SIPA. Este projecto de reabilitação foi iniciado em 1973, sendo concluído apenas em 1985. Uma das premissas principais de Távora foi a de inserir a sua intervenção num processo de continuidade formal e temporal, à semelhança do ocorrido em outros edifícios que foram enriquecidos através de novas contribuições arquitectónicas. Deste modo, o seu projecto não deve ser

visto como um acrescento, mas sim, integrar-se na história daquele edifício, dando continuidade a um lento processo de transformação.

Para este projecto, foi feita uma grande investigação arqueológica, de modo a desvendar as várias fases construtivas que o edifício teve. O arquitecto encontra na pré-existência um sólido instrumento de projecto, procurando devolver a cada fase construtiva identificada, a sua dignidade; a intervenção torna-se mais uma etapa da vida do edifício, resultado de uma interpretação da história (passado). em conjunto com as regras da contemporaneidade. Para isto, foi necessário uma capacidade crítica fundamentada pelo conhecimento da história do edifício, que lhe permitiu intervir de forma cirúrgica, de modo a salvaguardar a leitura clara do projecto e também devolver a expressão artística do monumento.

Para a compreensão do carácter do edifício na sua relação interior-exterior, destacam-se os seguintes níveis de leitura: o edificado, a cerca e a própria paisagem. O novo volume, cor de vinho, contrasta com a pré-existência pelo seu carácter austero, sem nenhum tipo de decoração. Em toda a pousada podem ser encontrados vestígios das várias ocupações que o edifício teve; na entrada, antigo refeitório, é visível a moldura de granito que sustentava o púlpito onde eram realizadas as leituras durante as refeições; na antiga ala das celas conventuais, foi preservada uma fonte setecentista; por todo o edifício podem ser encontradas áreas revestidas a azulejo da época. Neste sentido, e tratando-se de uma Pousada Histórica, a relação da arquitectura e da história faz parte da experiência turística que os utilizadores disfrutam.

O projecto procurou compreender a organização espacial do edifício ao longo dos tempos, e respectivo processo de crescimento, deixando para segundo plano o valor estilístico do edifício. Esta análise dos aspectos espaciais e geográficos, juntamente com a especificidade história do antigo Convento, foi determinante para a compreensão das várias fases construtivas. Contudo, o cunho da contemporaneidade é dado de uma forma pragmática, por exemplo, na incorporação de serviços inerentes ao novo uso e acessos verticais. No desenho de cada espaço, Fernando Távora recorreu a um processo baseado na analogia a elementos significativos da antiga estrutura, reinterpretados à luz da contemporaneidade, resultando numa simplificação construtiva e formal. Esta reflexão crítica foge da cópia exacta; deste modo, a questão da autenticidade histórica foi contornada. O valor do monumento é apresentado também pela capacidade de absorver as transformações e intervenções novas, integrando-as de uma forma harmoniosa.

O desenho do novo volume reforça um eixo existente que ainda não tinha sido marcado, e surge na continuidade da ala poente do claustro, possibilitando um eventual crescimento do edifício. Fernando

Távora declara ter-se inspirado na "arquitectura popular minhota, pois procurar uma imitação do barroco ou do românico não teria qualquer sentido", considerando as forma populares mais realistas e mais ricas. Esta inspiração retirada de temas da arquitectura vernacular reflecte-se no novo edifício em alguns aspectos, por exemplo o desenho simplificado dos caixilhos. Esta posição é reflexo de uma grande consciência do arquitecto face à relação com o lugar, com a arquitectura popular em conjunto com um sentido de contemporaneidade. O novo edifício procura uma relação com a região e a sua identidade cultural: esta vontade é expressa, não só pela implantação do mesmo, mas também, pelo carácter austero que este apresenta, traduzindo-se numa grande economia de meios técnicos e mão de obra, através da escolha de soluções construtivas simplificadas.

A relação entre o novo e o antigo é feita sem sobressaltos, de uma forma harmoniosa sem rupturas. Os contrastes entre o passado e a modernidade são diluídos e ao mesmo tempo a noção da modernidade é posta em causa pelo arquitecto como: "a capacidade de viver com o mundo, e logo com o passado, para produzir o novo" (Távora, 1996)

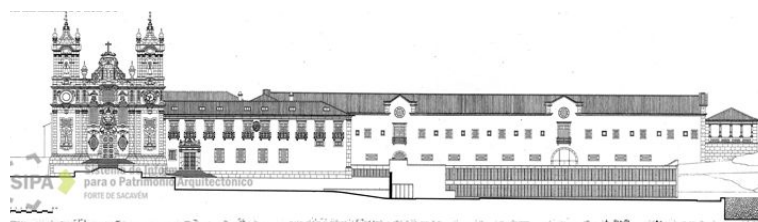


Figura 10. *Alçado Poente - Pousada de Santa Marinha da Costa*

A importância da intervenção arquitectónica nesta pousada é indiscutível, não só na preservação do património como na criação de um equipamento turístico com qualidades de alojamento únicas, onde a relação da história com o presente é uma constante para os utilizadores do equipamento. Neste projecto, a identidade do lugar é respeitada e reinterpretada no desenho no novo volume. O diálogo estabelecido entre o antigo convento e a nova construção procura uma harmonia entre as duas épocas. Aos turistas a pousada oferece, para além da ampla vista sobre a cidade de Guimarães, um excelente refúgio caracterizado por uma grande tranquilidade.

4.3.2 Hotel Rio do Prado - Jorge Sousa Santos

O segundo projecto escolhido exemplifica outra forma de diálogo entre a identidade do lugar, a arquitectura e o turismo. O hotel Rio do Prado, do arquitecto Jorge Sousa Santos, situa-se na margem direita da Lagoa de Óbidos, numa pequena aldeia chamada Arelho. Contrariamente ao exemplo da Pousada de Santa Marinha da Costa, este projecto não parte de uma reabilitação, mas sim da

implantação de um novo equipamento turístico num lote sem qualquer tipo de pré-existência edificada. O projecto foi terminado no ano de 2012, distanciando-se em cerca de 35 anos da intervenção de Fernando Távora no Mosteiro de Santa Marinha da Costa.

O hotel é composto por dez módulos habitacionais que podem funcionar como quinze quartos, edifício principal de recepção e zona de estar, restaurante, horta e estufa, piscina e *spa* e uma sala para eventos. Procura respeitar a identidade do lugar assim como o ecossistema da Lagoa de Óbidos; esta vontade reflecte-se em primeiro lugar na implantação dos vários edifícios, assim como na escolha dos materiais. Na relação com a paisagem, o projecto pretendeu criar o mínimo impacto; desta forma os módulos habitacionais encontram-se enterrados, tendo apenas a fachada principal livre. A própria implantação dos módulos no lote é feita nas laterais do lote, com a fachada principal virada para o centro, de modo a criar no hotel uma micro urbanidade. Os utilizadores podem percorrer os vários percursos pedonais dentro do hotel, que ligam os vários edifícios, sendo que o estacionamento automóvel fica fora deste espaço. Desta forma, os utilizadores sentem-se completamente dentro da paisagem rural.



Figura 11. *Hotel Rio do Prado - Jorge Sousa Santos*

Este projecto faz uma reinterpretação da identidade rural do lugar e conferindo-lhe o cunho da modernidade no seu desenho. Os principais materiais utilizados são o betão, a madeira e vidro. Estes são conjugados de modo a criar um equilíbrio entre o construído e a paisagem, e oferecer aos seus hóspedes uma experiência única na relação com a natureza, sem descurar o conforto associado a um hotel de charme. A decoração é outro aspecto importante para a definição deste hotel, sendo utilizados principalmente materiais do lugar, onde a sua rudeza é contrabalançada pela elegância do seu desenho

contemporâneo. Este tipo de contrastes é uma constante na experiência de todo o espaço: por um lado a ruralidade do local e a paisagem, e por outro as linhas associadas à contemporaneidade.

Este hotel apresenta na sua génese uma preocupação com a sustentabilidade e a ecologia, sendo estes factores muito importantes para o desenvolvimento de todo o projecto. Inserindo-se na classificação de Eco-Hotel, todas as unidades de alojamento têm a certificação A+. É importante referir que o Hotel apresenta várias medidas de sustentabilidade energética que vão desde a fase de projecto, construção e continuam na utilização e manutenção do mesmo, participando os hóspedes em várias destas medidas. Muitas medidas são retiradas da tradição local, tais como a utilização de um forno de lenha para cozinhar. Além da sustentabilidade ambiental, este hotel é uma forte ajuda na sustentabilidade da aldeia, pois além de atrair mais pessoas para a região, emprega habitantes locais, nomeadamente as cozinheiras. Deste modo, a identidade do lugar é transmitida aos utilizadores também pela via gastronómica.

O hotel Rio do Prado oferece aos seus hóspedes vários tipos de actividades turísticas, sendo de destacar como principal atracção a própria experiência do lugar, de viver no campo; contudo os turistas podem fazer passeios de bicicleta ou a cavalo pela região; utilizar o spa ou a piscina exterior; ou ainda experimentar o trabalho numa horta biológica de onde os alimentos do restaurante do hotel são provenientes.

O projecto é um valioso exemplo na conjugação dos factores - ruralidade, contemporaneidade, ecologia, sustentabilidade, materiais e paisagem - onde a arquitectura tem a responsabilidade de mediar todos os elementos. Esta conjugação é harmoniosa, resultando num projecto que utiliza valores do passado e do lugar e os adapta e reinterpreta às necessidades do presente.

5. A Proposta

5.1 O sítio - Aldeia de Coriscada

A freguesia do concelho da Mêda situa-se no seu extremo sudeste, no limite com o concelho de Pinhel. A povoação situa-se numa zona relativamente plana que lhe confere uma grande amplitude visual. Com uma área total de 2529 hectares e uma população residente de 246 habitantes, a povoação situa-se a cerca de 12km da sede do concelho de Mêda.

O núcleo urbano que agora se pode encontrar, nem sempre teve esta forma, pois apresenta-se como o resultado do crescimento de vários pequenos povoados: Alto da Pelada, Boa Vista, Confrarias, Afife e Monte Negro.

Esta aldeia representa um exemplo do fenómeno de despovoamento sofrido no interior do país; no ano de 1950, o número de habitantes era de 776; com a emigração e imigração, este número baixou drasticamente para 297 no ano de 1991, segundo dados do INE. Podemos perceber que após 1991, depois das grandes vagas migratórias, o número de habitantes baixou de uma forma menos acentuada. Actualmente, existem na aldeia pequenas indústrias e serviços, que se tornam fulcrais na fixação de habitantes, pois contribuem para a criação de postos de trabalho e ao mesmo tempo ajudam na dinamização social. Destacam-se: uma padaria, um lar de idosos, um centro de dia, um café, uma destilaria, um mini mercado e umas piscinas públicas.



Figura 12. Excerto da capa do jornal *O Interior* de 7 de Novembro, 2013

O povoado, apesar da passagem do tempo e da necessidade de globalização, mantém ainda muitas das tradições e costumes antigos; estes foram preservados e transmitidos de geração em geração, mantendo a identidade rural intacta. Exemplos disso são as várias festas e romarias em honra dos vários santos, ao longo do ano: São Sebastião a 20 de Janeiro, Santa Bárbara na segunda-feira a seguir ao domingo de Páscoa, Santo António a 13 de Junho, e por fim a festa principal em honra do Divino Senhor da Boa Esperança no primeiro fim-de-semana de Setembro. Nestas festas religiosas, existem várias missas, procissões e ofertórios, em paralelo com várias actividades de índole pagã, tais como fogo-de-artifício, bailes populares e jogos tradicionais.

Além do património cultural, existe um importante património edificado. Em primeiro lugar, destaca-se a arquitectura popular, de granito, que é perceptível em todo o povoado. Neste, destaca-se a forte presença dos antigos muros de granito, que de uma forma irregular, se apresenta como elemento modelador de todo o edificado. A presença do muros cria uma ilusão de continuidade e interligação de todos os edifícios, onde o aparelho de granito é uma constante. Os muros assumem-se como malha orgânica sobre a qual crescem edifícios, ou, simplesmente se delimitam privacidades e restrições no espaço urbano. As casas, em granito, inserem-se no tema da arquitectura vernacular e são

representativas de um tipo de arquitectura popular da região, onde predominam casas com escadas exteriores e alpendres. Existem ainda dois solares; estes enquadram-se numa arquitectura erudita, que contrasta com o resto do edificado. O primeiro, o Solar dos Menezes (século XVI - XVII) apresenta traços do barroco, onde se destaca uma imponente chaminé; o segundo, o Solar dos Viscondes da Coriscada igualmente barroco, situa-se no adro da Igreja Matriz, e é regularmente apelidado de "Casa Grande". A Igreja Matriz, também barroca, apresenta inscrições de 1669, hipoteticamente o ano da sua construção ou finalização. Existem ainda a Capela do Divino Senhora e a Capela de Santa Bárbara, sendo estes, os três principais edifícios religiosos do povoado. O património edificado estende-se ainda a várias fontes, alminhas e rosários (Rodrigues, 1983; Saraiva, 1994).

No ano de 2003, o património existente aumentou com as descobertas arqueológicas em terrenos próximos da aldeia: a Villa Romana de Vale do Mouro. Nas escavações efectuadas já foram encontrados desde objectos em sílica, com mais de sete mil anos, a vestígios de cabanas neolíticas. Contudo, é a "Vicus" romana encontrada o objecto de maior interesse; até agora as escavações revelam que este local terá tido duas ocupações, a primeira no século I e a segunda no século III. A *villa* divide-se em três zonas distintas: a *pars* urbana, a *pars* rústica e *pars fructaria*. Estas correspondem à divisão de uma villa clássica romana. A *pars* urbana é composta por uma "série de edifícios construídos em torno de um pátio central, rodeado por um corredor em peristilo (ou seja, um corredor murado, com um telhado suportado por uma série de pequenas colunas)"(in www.portugalromano.com). No centro do pátio estaria um reservatório de água; esta zona corresponderia a zona social da *villa*, onde o *dominus* viveria com a sua família; é possível encontrar os escritórios, cozinhas, salas de jantar e o lagar do vinho. É igualmente nesta zona que se encontram as termas e jardins privados. Na *pars* rústica, seria a zona onde os trabalhadores rurais habitavam, também em torno de um pátio central, contudo, com menos ostentação e luxo do que o da *pars* urbana. Por fim a *pars fructare*, corresponderia a todos os terrenos envolventes de exploração agrícola e extracção de matérias primas. Esta estendia-se até ao rio Massueime e nela predominavam o cultivo de cereais, vinha, olivais.

Dos achados, destacam-se um tesouro monetário romano, composto por cerca de cinco mil moedas de cobre e bronze e o mosaico com a imagem do deus Baco. Este corresponde ao quinto encontrado em território nacional sobre este tema, adquirindo portanto grande importância. O mosaico encontra-se num pequeno compartimento com nove metros quadrados, apresentando como figura central o deus Baco.

Actualmente existe uma pequena exposição com alguns dos achados descritos, intitulada "Os Romanos no Vale do Mouro", instalada numa sala no edifício correspondente à Junta de Freguesia de Coriscada.

Este retrato pretende, em traços largos, apresentar esta aldeia do interior do país, demonstrando a sua riqueza cultural, procurando entender de que forma a arquitectura pode explorar a riqueza patrimonial da aldeia de Coriscada através do fenómeno do turismo.



Figura 13. *Complexo Arqueológico do Vale do Mouro - Coriscada*

5.2. Análise Morfológica e Arquitectónica

Para o entendimento da estrutura morfológica do povoado foram efectuadas várias visitas e levantamentos fotográficos em paralelo com a recolha e elaboração de material cartográfico. Deste modo, foi possível elaborar um conjunto de plantas de análise do lugar (em anexo). Estas, foram essenciais para a criação de uma base de conhecimento sólida para a posterior intervenção arquitectónica, em conjugação com os conceitos abordados anteriormente. Além das questões referentes à morfologia do edificado, as análises incidem também sobre os seguintes tópicos: valor patrimonial, usos e funções, numero de pisos, tipos de pavimentação e espaços públicos.

Deste estudo importa salientar as seguintes conclusões:

- no povoado é evidente uma descontinuidade espacial entre a malha urbana mais antiga e a mais actual, evidenciada ainda pela presença de um grande espaço desocupado - *lameiro* - entre as duas, existindo ainda diferentes tipos de padrões urbanos: aglomerados, lineares e ortogonais.

-a existência de exemplos da arquitectura vernacular é exclusiva da malha urbana mais antiga, sendo intercalada com construções mais actuais; a maioria dos casos encontram-se em mau estado de conservação.

-a materialidade predominante é o aparelho de granito, utilizado na construção das casas e dos muros;

-a avenida que atravessa todo o povoado apresenta-se como um eixo muito forte, esta caracteriza-se por uma escala completamente distinta dos restantes arruamentos.

-por fim, uma das conclusões mais importantes desta análise preliminar prende-se com a forte presença dos muros - de aparelho de granito - em todo o povoado; estes assumem um carácter modelador de toda a malha urbana, na delimitação de ruas, na separação entre o público e o privado, até à delimitação das construções; numa abordagem conceptual o elemento "muro" funciona como linha organizadora de todo o aglomerado urbano, assumindo diferentes alturas e possibilitando a agregação de volumes.

Esta análise assumiu-se como uma mais valia na criação de uma base de conhecimento vasta sobre o lugar, para a elaboração do projecto de arquitectura a implementar.

5.3 Novo Produto Turístico

O presente trabalho, na sua componente prática (projecto de arquitectura), explora os conceitos e ideias anteriormente abordados, resultando na criação de um novo produto turístico na aldeia de Coriscada. Este apresenta-se como uma resposta à problemática central da dissertação: a relação da arquitectura com o turismo. O projecto explora de que modo é que a arquitectura se assume como catalisador do desenvolvimento turístico de uma região e, por consequência do desenvolvimento económico da mesma, procurando ainda decifrar a importância do lugar, da história e do património, das vivências e das arquitecturas vernaculares no processo de projecto em arquitectura, em conjugação com o cunho da contemporaneidade, na criação de um novo produto turístico.

O termo TER - Turismo em Espaço Rural - pode ser utilizado para designar um conjunto de modalidades de hospedagem em zonas rurais que exploram os recursos naturais e culturais de cada região; podendo a hospedagem dos turistas ser feita em solares, casas apalaçadas, quintas onde se desenvolvem actividades agrícolas, casas típicas (exemplos da arquitectura popular de determinada região) ou em hotéis rurais e parques de campismo.

Modalidades de Hospedagem TER, segundo o Decreto-Lei N°54/2002, a implementar no projecto:

Turismo de Habitação:

"Serviço de hospedagem de natureza familiar prestado a turistas em casas antigas particulares que, pelo seu valor arquitectónico, histórico ou artístico, sejam representativas de uma determinada época, nomeadamente os solares e as casas apalaçadas, devendo ser habitadas por quem faz a sua exploração durante o período da mesma" (Artigo 4º)

Turismo de Aldeia:

"Serviço de hospedagem prestado num conjunto de, no mínimo, cinco casas particulares situadas numa aldeia e exploradas de uma forma integrada, quer sejam ou não utilizadas como habitação própria dos seus proprietários, possuidores ou legítimos detentores" devendo, pela "sua traça, materiais de construção e demais características, integrar-se na arquitectura típica local" (Artigo 7º)

O projecto de revitalização, através do turismo, da aldeia de Coriscada, insere-se no âmbito do Turismo em Espaço Rural, sendo este composto por três componentes: alojamento, restauração e actividades lúdicas. A oferta de alojamento divide-se em dois tipos: Turismo de Habitação e Turismo de Aldeia. Com a análise inicial do território, chegou-se à conclusão que existiam na povoação várias casas devolutas, muitas delas com grande valor patrimonial, como é o caso do Solar Menezes; desta forma, não existe a necessidade de construção nova, mas sim a reabilitação de algum edificado. Com a estadia em edifícios com características da arquitectura popular da região, o produto turístico consegue oferecer aos utilizadores uma experiência da vivência rural mais interessante. A oferta de alojamento divide-se entre o Solar Menezes, composto por oito quartos enquadrando-se no Turismo de Habitação, e na reabilitação de cinco casas com características e materiais representativos da arquitectura vernacular da região: Turismo de Aldeia. Os dois tipos de alojamento apresentam diferentes particularidades, ou seja, no Solar os turistas experienciam a vida dentro de uma antiga casa burguesa, funcionando como um pequeno hotel onde podem usufruir de algumas comodidades especiais. Em contrapartida, no conjunto das cinco habitações vernaculares, os turistas podem experienciar a vida rural com outra proximidade. O público alvo são famílias que procurem estadias mais alargadas, num ambiente mais privado e familiar, remetendo para o imaginário da "casa na aldeia". Do ponto de vista organizativo e administrativo, o Solar assume o protagonismo de núcleo central do produto turístico. Na componente da restauração, dada a inexistência de qualquer tipo de restaurante na povoação, o projecto apresenta a construção de um restaurante e um pequeno café *lounge* próximo do solar. O restaurante terá um papel igualmente importante na experiência rural, pela via gastronómica, servindo pratos típicos da região com produtos cultivados localmente. O café será um complemento do restaurante, e de certo modo procura a criação de relações entre os turistas e os habitantes locais.

Por fim, as actividades oferecidas são várias, procurando abranger vários públicos, e as várias alturas do ano, de modo a que oferta turística ao longo dos meses tenha diferentes pontos de interesse.

Actividades:

- Visita ao Parque Arqueológico do Vale do Côa e respectivo Museu (Vila Nova de Foz Côa - 25km)
- Visita ao Sítio Arqueológico do Vale do Mouro e respectivo Museu (Coriscada)
- Rota das Aldeias Históricas de Portugal (Marialva é a mais próxima - 4km)
- Visita a quintas produtoras de Vinho no Porto (Douro - 20km)
- Rotas do Património da Região: Castelos, Alminhas, Pelourinhos, Arquitectura do Granito
- Workshops sobre a arquitectura popular da região (Coriscada)
- Turismo Termal em Longroiva (Longroiva - 15km)
- Caça e Pesca
- Piscinas públicas (Coriscada)
- Passeios de BTT nos vários percurso existentes na zona, nomeadamente percursos do campeonato nacional (Coriscada)
- Passeios de Todo-o-Terreno (Coriscada)
- Trekking* - Caminhadas em percursos com diferentes tipos de dificuldade (Coriscada)
- Observação da natureza, vida selvagem
- Turismo de Neve (Serra da Estrela - 70km)
- Hortas Biológicas (Coriscada)
- Workshops sobre as actividades agrícolas praticadas na região, em particular na aldeia (Coriscada)
- Participação em actividades agrícolas, como exemplo: vindimas (Coriscada)

As actividades propostas podem dividir-se em três grandes grupos: cultura, desporto e agro-turismo. Este conjunto de actividades insere-se no conceito de *touring*, ou seja, de conhecimento das atracções da região em questão, sendo a grande atracção do produto a experiência da vida rural numa aldeia do interior do país.

5.4 Solar Menezes

Situando-se à entrada da povoação pelo lado sul, o Solar Menezes ou 'a casa grande da Dona Menezes', apresenta-se como uma grande casa apalaçada com uma enorme chaminé. A construção desta casa situa-se entre os fins do século XVI e o XVII, e embora não bem caracterizada apresenta alguns traços do estilo barroco. A última proprietária, Senhora Dona Maria de Menezes, habitou a casa

toda a sua vida. O edifício era uma verdadeira fortaleza contra as invasões francesas e outras. Segundo a lenda local, no seu interior existiriam esconderijos que apenas a proprietária conhecia. Tinha ainda um cofre forte onde na eminência de um "ataque", todas as jóias e outros valores da proprietária eram guardados. (Saraiva, 1994)

O solar em estudo é sem dúvida uma construção icónica não só na aldeia de Coriscada, como no Concelho de Mêda, em grande parte devido à grande chaminé que se destaca e assume o papel de *landmark*. A sua arquitectura erudita contrasta com a arquitectura popular da envolvente. Contudo, este solar apresenta características que o tornam diferente de construções semelhantes: a ausência de simetrias nas fachadas e na distribuição dos vãos; a imponente chaminé; a planta em cruz latina incompleta com uma organização dos espaços interiores bastante clara e funcional; e por fim, o contraste que existe entre o piso térreo e o piso superior ao nível de aberturas para o exterior, sendo o piso térreo um embasamento praticamente cego. Este embasamento de granito à vista, contrasta com o piso superior, actualmente rebocado e pintado à cor branca.

A chaminé é, sem dúvida, o elemento com maior destaque no edifício, provocando um contraste de escalas, devido à sua dimensão exagerada. Pode ser comparada, noutra escala, às chaminés do Palácio da Vila em Sintra ou à chaminé da cozinha do Mosteiro de Alcobaça.



Figura 14. Solar Menezes

5.4.1 Levantamento

O facto de não existir qualquer tipo de registo arquitectónico do solar obrigou a um levantamento no lugar. Numa primeira fase, a visita ao lugar teve como propósito um levantamento fotográfico para a

criação de uma base de dados sólida sobre o edifício, procurando registar materialidades, relações com a envolvente, e relações entre espaços interiores e proporções. Numa segunda fase, foi feito um levantamento rigoroso do edificado. Este foi posteriormente aferido e passado para digital de modo a servir de base de trabalho para a intervenção.

5.4.2 Diagnóstico

O edifício encontra-se devoluto há cerca de quinze anos. Com o passar do tempo, o seu estado de conservação é cada vez mais degradado. Devido às suas características únicas, é um edifício expectante de uma intervenção de reabilitação.

No exterior, as fachadas apresentam algumas marcas de degradação. As zonas rebocadas têm falhas, e a pintura encontra-se degradada. Nas paredes em aparelho de pedra à vista, encontram-se zonas com fungos. Do exterior é ainda possível ver algumas zonas em que a cobertura desabou, assim como a patine que as telhas assumem com o passar do tempo. No interior é mais notório o estado degradado em que o edifício se encontra. As paredes em granito são autoportantes, ou seja, são a estrutura do solar; estas encontram-se em óptimo estado sem nenhum tipo de anomalia. As paredes interiores são em madeira e em algumas partes do edifício encontram-se bastante degradadas. O soalho em madeira, e respectiva estrutura, necessitam de ser substituídos, pois ao caminhar sobre ele nota-se alguma fragilidade em certos pontos. Os tectos, em madeira, encontram-se em muito mau estado devido a problemas de humidade relacionados com o mau estado da cobertura. A cobertura em asnas de madeira, revestida com telha portuguesa, precisa de ser recuperada. Os caixilhos e portadas de madeira dos vãos também se encontram em bastante mau estado. Quase todos apresentam empenos, vidros partidos ou problemas nas ferragens. Os vãos em madeira interiores estão em relativo bom estado, havendo alguns em que a madeira apresenta zonas danificadas pela humidade.

5.4.3 Valores (preservar/valorizar)

No projecto de reabilitação do Solar Menezes, pretende-se preservar em primeiro lugar a identidade rural deste edifício. Os aspectos a valorizar são: a distribuição espacial nos dois volumes; a utilização de materiais semelhantes, em contraste com materiais actuais de uma forma regrada e justificada. Pretende-se ainda potenciar a relação do edifício com os dois pátios adjacentes, assim como com a malha orgânica da aldeia.

Outra premissa base será a importância do edifício enquanto gerador de espaço público e a sua relação com o parque infantil, e posteriormente com o novo edificado.

5.4.4 Reabilitação

O projecto de reabilitação do solar é entendido principalmente como um estudo prévio de uma possível intervenção, onde os valores arquitectónicos a respeitar e potenciar serão demonstrados. Este aspecto deve-se ao facto deste trabalho de investigação não ter como principal campo de estudo a reabilitação de edifícios antigos.

As premissas base do projecto são o resultado de toda a pesquisa elaborada sobre a identidade dos lugares e a responsabilidade da arquitectura nesse campo. Por outro lado, o programa, a escolha do sítio e as intenções representam outro parâmetro de estudo: o da relação da arquitectura com o turismo. A conjugação destas duas posições resulta num projecto de arquitectura, onde a reabilitação do Solar dos Menezes se apresenta como uma das fases.

O projecto procura manter, por um lado, a valia histórica associada ao edifício e por outro vincar a actualidade da intervenção. O Solar apresenta-se como um grande edifício composto por paredes de suporte com grandes espessuras e com uma imensa qualidade do aparelho de pedra nelas presente; funciona como uma grande caixa forte, muito sólida e rígida, que não permite qualquer abertura de vãos. Deste modo, o projecto pretende evidenciar este carácter das paredes exteriores e inserir dentro desta grande "caixa" outras pequenas "caixas" que corresponderão aos módulos habitacionais; estes, com um carácter e uma presença e materialidade completamente diferentes, de modo a criar um contraste muito evidente entre o existente e o novo. Contudo, este gesto é resultado de uma análise às paredes divisórias existentes no solar, que apresentam também essa leitura mais delicada. No interior dos módulos, a leitura desta relação entre o novo e o antigo é ainda mais evidenciada, utilizando o contraste entre revestimentos: reboco branco e granito; a percepção do espaço é feita não só através da visão, como também do tacto. A organização e distribuição programática terá como base dois eixos de distribuição que existem actualmente no edifício, excepto no piso térreo, que passará a ter quartos e zonas de estar. Do ponto de vista programático, o solar será transformado numa pequena unidade hoteleira com oito quartos duplos, sendo três deles adaptáveis a famílias com crianças, sendo a capacidade máxima de vinte e duas pessoas. Nas áreas comuns, destacam-se a sala dos pequenos almoços e refeições rápidas; nesta, a enorme lareira assume todo o protagonismo e potencia a criação de um ambiente bastante acolhedor e familiar nas épocas mais frias, onde os hóspedes podem estar dentro da própria lareira, debaixo da chaminé. Além desta sala, existem mais duas grandes salas comuns; uma delas no piso térreo, mais fechada, destina-se aos serões onde os hóspedes podem

conviver entre si e disfrutar da qualidade espacial do edifício; a outra, com mais aberturas para o exterior, e situando-se num anexo do Solar virado para um pátio, assume um carácter mais fresco, uma zona *lounge* que vive do pátio e de certa forma remete para o carácter apalaçado do edifício através da privacidade do pátio interior. No pátio maior do Solar, situam-se as pequenas hortas e ainda uma zona coberta destinada a jogos de mesa; esta estabelece uma ligação com a sala de estar do piso térreo

5.5 Casas na Aldeia

Outra das fases do projecto de revitalização da aldeia através do turismo, ainda no contexto do alojamento, passa pela reabilitação de um conjunto de casas. Este insere-se no contexto do Turismo de Aldeia, visto que a selecção das casas a reabilitar assenta na sua riqueza arquitectónica de cariz vernacular. Este conjunto de casas caracteriza a arquitectura popular daquela região, apresentando as suas principais características comuns, assim como algumas variações que já tinham sido previamente identificadas tanto no *Inquérito*, como por Orlando Ribeiro em "Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico": utilização do granito como material principal da construção; escadas exteriores com alpendres; varandas envidraçadas; lajes, caixilhos, portas e asnas em madeira, e ainda uma notória capacidade de arranjar soluções pragmáticas para os condicionamentos e necessidades da vida rural.

O processo de intervenção nestas casas assenta nos seguintes princípios: correcção de dissonâncias, reconstrução, restauro e reabilitação, tendo sempre como premissa o respeito pela identidade do lugar e da arquitectura vernacular. Contudo, e tendo em consideração o programa, a intervenção deve reflectir preocupações funcionais tais como: resistência mecânica e estabilidade dos edifícios, segurança contra incêndios, higiene e salubridade, segurança na utilização, isolamento acústico, isolamento térmico e eficiência energética. Do ponto de vista programático, as casas enquanto equipamentos hoteleiros, serão compostas por um ou dois quartos (conforme a área da habitação), uma cozinha e zona de refeições, instalação sanitária e uma sala de estar, deixando de existir a distinção de usos no piso térreo e no piso superior em função dos padrões actuais de conforto e qualidade espacial, assim como pelas necessidades funcionais, sendo o Solar Menezes o centro administrativo de todo o empreendimento.

As soluções construtivas a aplicar deverão ser pensadas caso a caso; contudo, foi criado um conjunto de práticas a seguir na reabilitação. As paredes de alvenaria de pedra (granito), com ou sem argamassa, apresentam problemas de isolamento térmico, humidade ascensional na base das mesmas, e ainda pelo facto de não serem rebocadas no interior, problemas de higiene agravado pela falta de

vãos que é característica deste tipo de construção. A solução passa pelo revestimento das paredes no interior das habitações, com a aplicação de isolamentos entre a parede de alvenaria de pedra e o gesso cartonado. Em casos em que as paredes originais apresentem uma espessura considerável, pode optar-se por não aplicar o isolamento térmico, ou até mesmo deixar a pedra à vista. No caso da humidade ascensional, deve-se recorrer a um dos seguintes processos: colocação de um corte hídrico na base, criação de um canal de arejamento na base das paredes ou por soluções de abaixamento do nível freático. Na cobertura, a estrutura de suporte em madeira deve ser mantida sendo reparada quando necessário. A telha de cobertura deve ser mantida, havendo a necessidade de aplicar um revestimento térmico entre a estrutura e a telha, assim como uma barreira pára-vapor de modo a melhorar o desempenho térmico da habitação. No interior, as estruturas e o soalhos de madeira devem ser reparadas ou substituídos por semelhantes. No tratamento dos vãos, portas e janelas, e tendo em consideração as necessidades de conforto que o programa implica, a solução mais adequada será a substituição por caixilhos em madeira ou alumínio que respondam a essas necessidades. No exterior, as edificações deverão manter a sua configuração original, existindo apenas operações de restauro ou reconstrução.

Este conjunto de intervenções deverá ser realizado por empresas de construção local, uma vez que muitas delas possuem ainda operários com um grande conhecimento sobre os métodos construtivos deste tipo de arquitectura vernacular. Além disso, este aspecto irá assumir uma enorme importância para a economia local, que se encontra cada vez mais afectada pelo despovoamento do interior.

A selecção das cinco casas teve como objectivo possibilitar a dinamização de todo o povoado. Desta forma, as casas escolhidas "espalham-se" de modo a que todo o povoado seja reanimado pela vinda dos turistas, afastando-se da ideia de concentrar todo o empreendimento numa zona só, como acontece no exemplo das Casas do Côro em Marialva, potenciando, por parte dos hóspedes, a integração no quotidiano da aldeia e deste modo melhorando a experiência da vivência rural que é oferecida. O nome dado ao produto, Casas na Aldeia, está relacionado com esse imaginário das casas de férias nas regiões das quais parte da sociedade urbana é natural. Contudo, este produto pretende possibilitar essa experiência a quem não tem raízes ligadas a um meio rural, ou quem por outro lado pretenda descobrir esta região de Portugal.

5.6 Edifício Interface

O projecto de revitalização do turismo na região, e em particular na aldeia de Coriscada, conta com um conjunto de três novos edifícios. Estes, pelas suas relações espaciais e formais, assumem uma leitura de unidade.

O programa conta com um museu destinado a exposição dos achados arqueológicos do complexo do Vale do Mouro, um restaurante regional e um café. Estes equipamentos terão como função principal complementar e enriquecer o novo produto turístico a implantar.

A escolha do sítio de implantação baseou-se, essencialmente, num conjunto de análises elaboradas numa fase inicial deste trabalho. O sítio seleccionado, um antigo "lameiro" situado numa zona central do povoado, encontra-se actualmente loteado; seis lotes para moradias unifamiliares. Apesar de algumas obras já terem começado, estas encontram-se paradas devido ao facto de não existirem potenciais compradores. O lugar tornou-se marginal, um estaleiro abandonado, e por consequência um péssimo cartão de visita para a aldeia. O terreno, ladeado pela Avenida Dr. Luís de Almeida e a Rua do Parque Infantil, com uma área de aproximadamente 2800m², encontra-se expectante de uma intervenção que potencie a sua localização e configuração privilegiadas. Na escolha deste sítio, teve grande influência a sua proximidade ao Solar Menezes em primeiro lugar como centralidade do produto turístico, mas também, com o parque infantil e o pavilhão multiusos, possibilitando a criação de novos percursos e ligações entre estes, criando uma nova urbanidade naquele espaço.

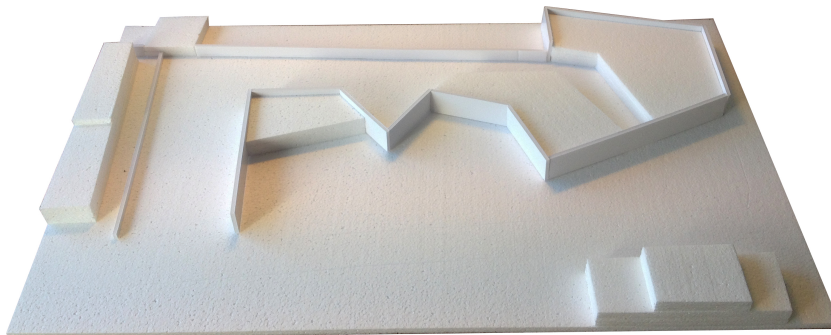


Figura 15. Maquete de estudo 1:200

A intervenção baseou-se nos conceitos fundamentais deste trabalho, na relação com a identidade do lugar, com a arquitectura popular da região, em contraponto com o cunho da contemporaneidade. O projecto procura reinterpretar conceitos, métodos construtivos e organizações espaciais presentes na arquitectura popular da Beira. As análises à morfologia do edificado identificaram os muros de granito como uma constante em todo o povoado. Este elemento construtivo assume-se como o principal modelador espacial, tanto na delimitação dos arruamentos como na separação entre o universo público e o privado. É a partir destes muros que nascem as casas, que se delimitam pátios privados, ruas, quelhas, largos públicos e que se desenvolve a estrutura do aglomerado urbano. O *muro* ganha uma leitura de continuidade e metamorfose; da sua intrínseca linearidade formal nascem volumes, resultando uma malha orgânica de cheios e vazios. Partindo desta ideia do *muro* enquanto elemento

gerador de espaços, o projecto procura fazer uma reinterpretação do conceito. A partir de um conjunto de alinhamentos fortes do sítio, é criado um novo muro; é a partir deste muro que os três equipamentos vão ser desenhados. A procura de uma nova urbanidade é feita através da criação de novas ruas pedonais, que ligam os vários pontos de interesse. O carácter do lameiro será recuperado, com a criação de novos espaços verdes, originando um contraste entre o novo volume e as zonas arborizadas. Os equipamentos estarão agregados a este novo muro, relacionando-se com os novos largos e caminhos pedonais. O aparelho de granito dos muros será substituído pelo betão armado, procurando manter a mesma rudeza e carácter estrutural. Esta escolha insere-se na problemática da relação com a identidade do lugar, e procura reinterpretar o método construtivo do passado para uma visão mais contemporânea. Nas fachadas dos equipamentos, o uso da madeira como *brise soleil* resulta de uma vontade de evidenciar o muro enquanto elemento estrutural, conferindo aos volumes uma leitura de maior leveza e abertura para o exterior. Este tipo de utilização da madeira pode ser encontrada na arquitectura popular da região nas portas e janelas, mas sobretudo em varandas e alpendres. No projecto, estas fachadas (com portadas em madeira) são geradoras de diferentes relações entre o espaço exterior e o interior, e ao mesmo tempo entre o público e o privado (Fig.16). Estas relações são pensadas de forma a aumentar a riqueza espacial, conferindo ao projecto um carácter labiríntico semelhante ao que se pode encontrar no povoado. Além disso, este novo edifício procura reinterpretar sistemas de organização espacial e formal da arquitectura popular da região.

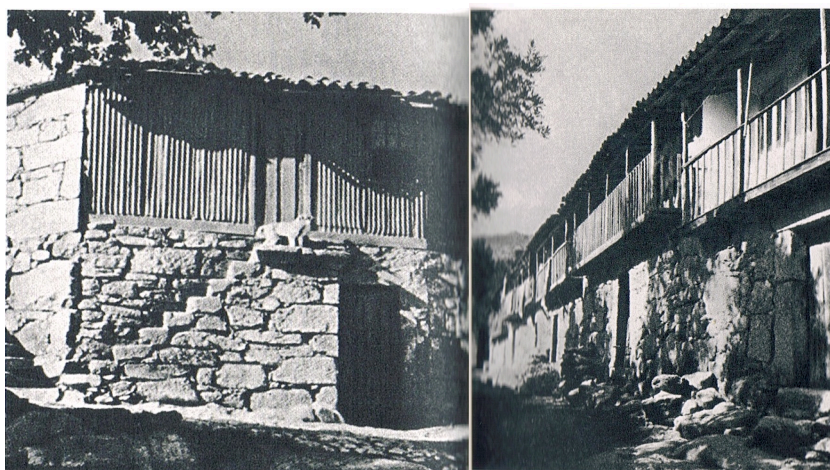


Figura 16. Portadas de Madeira

Os três equipamentos organizam-se ao longo do volume, de forma a criarem diferentes espaços exteriores e diferentes tipos de relações visuais.

O Museu organiza-se em torno de um pátio interior; este, além de ter um papel importante na distribuição programática e entrada de luz, funciona também como uma zona de estar exterior mais resguardada. No interior é criado um percurso expositivo que se relaciona, não só com o pátio, como

também com o muro. Além da exposição principal, existe também uma sala para exposições temporárias, conferências ou workshops; e ainda uma sala de trabalho para os arqueólogos que todos os anos vão para a aldeia trabalhar no Sítio Arqueológico do Vale do Mouro. O lobby é o espaço onde se inicia o percurso expositivo, dando também acesso às instalações sanitárias e à zona administrativa e de arrumos. De uma forma conclusiva, este pequeno museu procura a criação de um ambiente isolado, um subsistema dentro do grande sistema que é a proposta.

O restaurante e o café são elementos que se inserem no plano da restauração do produto turístico, procurando dar resposta às necessidades do mesmo e ao mesmo tempo melhorar a experiência da vivência rural através da gastronomia. Do ponto de vista organizativo, o restaurante vira-se para dentro do projecto, fechando-se quase totalmente para a avenida principal. Divide-se em duas grandes zonas: a cozinha e a sala de refeições. A cozinha divide-se em várias secções, que vão desde a recepção dos alimentos até ao empratamento, é criado um circuito funcional que relaciona todos os espaços. Esta zona é mais fechada, em oposição à zona de refeições que apresenta mais aberturas para o exterior na fachada. A sala de refeições conta ainda com uma zona de refeições exterior que se vira sobre um dos novos largos da proposta. O café é o único equipamento que se vira para o exterior da proposta, procurando uma relação franca com o exterior através de uma esplanada. No seu interior, o ambiente é acolhedor, com a forte presença do muro de betão, novamente em contraste com a fachada de madeira e vidro. O edifício conta ainda com uma zona de estacionamento automóvel que servirá também o pavilhão adjacente. Outro aspecto importante em todo o projecto são as poucas aberturas que existem no muro. Estas foram dimensionadas tendo como base as existentes no povoado, e ilustram o carácter cerrado desta arquitectura. O novo muro fecha-se sobre a avenida principal, procurando uma ideia de mistério e descobrimento do seu interior, semelhante à experiência que se tem no resto do povoado com os muros de granito.

Este projecto procura aplicar todas as conclusões retiradas deste estudo sobre arquitectura e o turismo na sua relação com os conceitos de identidade dos lugares, regionalismo crítico e arquitectura popular, procurando não fazer uma cópia exacta da arquitectura local, mas sim, reinterpretando os princípios, os materiais e a organização espacial, resultando numa arquitectura contemporânea que assume a inspiração na arquitectura popular da região da Beira-Interior.

Bibliografia

AAVV, 2004, *Arquitectura Popular em Portugal*, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, Lisboa.

Bandeirinha, J, 2010, *Keil do Amaral: Obras de Arquitectura na Beira, Regionalismo e Modernidade*, Argumentum - Edições, Estudos e Realizações, Lisboa.

Cavaco, C, 2006, "Práticas e Lugares do Turismo" in Fonseca M (dir), *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer*, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Cresmacoli, R, 2013, *Alcino Soutinho*, Arquitectos Portugueses Série 2, Editora Verso da História, Vila do Conde.

Cohen, C, 1999, *Nos temps modernes*, Flammarion, Paris.

Cunha, L, 2003, *Introdução ao Turismo*, Editora Verbo, Lisboa.

Cunha, L, 2010, "A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário" in Repositório Científico Lusófona, consultado a 20 de Maio de 2013

<<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A%20Defini%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20do%20Turismo.pdf?sequence=1>>

Deprest, F, 2004, *Inquérito sobre o Turismo de Massas: A Ecologia Face ao Território*, Instituto Piaget, Lisboa.

Eliade, M, 1992, *O Sagrado e o Profano*, Editora Martins Fontes, São Paulo.

Équipe MIT, 2002, *Tourismes*: Tome 1, Lieux communs, Belin, Paris.

Ferreira, L, 2009, *Leis do Turismo: Novos Diplomas Comentados e Anotados*, Quid Juris - Sociedade Editora Lda, Lisboa.

Frampton, K, 1998, *Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*, AAP em co-edição com a Contemporânea Editora, Porto.

Frampton, K, 2000, *História Crítica da Arquitectura Moderna*, Editora Martins Fontes, São Paulo.

Frampton, K, 1988, *Álvaro Siza: Profissão Poética*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

Macedo, MB, 1942, *A Casa Rural: A Habitação*, Serviço Editorial da Repartição de Estudos, Informação e Propaganda, Lisboa.

Mandolesi, D, 1998, *Il Luogo e la Cultura del Luogo Neil'Arquitectura Contemporânea: Il Luogo Come Principio di Legittimazione del Progetto*, Gangemi Editore, Roma.

Marques, MB, 2001, *Arquitectura e Vida: Os lugares da arquitectura*, Loja da imagem, Lisboa.

Matos, MC, 2012, "Portugal Turístico: Perspectivas Críticas" in *Revista Arqa*, consultado a 1 de Agosto de 2013

< <http://www.revarqa.com/content/1/1079/madalena-cunha-matos/> >

Montaner, JM, 2001, *Después del Movimiento Moderno: Arquitectura de la Segunda Mitad del Siglo XX*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

Montaner, JM, 1997, *A Modernidade Superada: Arquitectura, Arte e Pensamento do Século XX*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

Muntañola, JT, 1996, *La Arquitectura Como Lugar*, Ediciones UPC, Barcelona.

Norberg-Schulz, C, 1980, *Genius loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Academy Editions, Londres.

Norberg-Schulz, C, 1975, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Editorial Blume, Madrid.

Norberg-Schulz, C, 1979, *Genius Loci: Paesaggio Ambiente Architettura*, Editora Electa, Milão.

Oliveira, EV & Galhano, F, 2000, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Orbasli, A, 2000, *Tourists in Historic Towns - Urban Conservation and Heritage Management*, Taylor & Francis, Londres.

Pearce, D, 1995, *Tourism Today: a Geographical Analysis*, Longman Scientific & Technical, Londres.

Rabaça, A, 2005, *Entre o Corpo e a Paisagem: Arquitectura e lugar antes do genius loci*, Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Ricoeur, P, 1961, "Universal Civilization and National Cultures" in (dir.) Nesbitt, K, *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory 1965-1995*, Princeton Architectural Press, New York.

Ribeiro, O, 1980, *Geografia e Civilização: Temas Portugueses*, Livros Horizonte, Lisboa.

Ribeiro, O, 1945, *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico: Estudo Geográfico*, Coimbra Editora, Coimbra.

Rodrigues, A, 1983, *Terras da Meda, Natureza e Cultura*, Edição da Câmara Municipal da Meda, Meda.

Rossi, A, 1977, *A Arquitectura da Cidade*, Edições Cosmos, Lisboa.

Saraiva, A, 1995, *Coriscada: Memórias da Minha Terra*, Casa Vértas Editora, Guarda.

Sharpley, R, 1999, *Tourism, Tourists and Society*, Elm Publications, Huntingdon.

Silva, L, 2006, "O Turismo em Espaço Rural: Um Estudo da Oferta e do Promotores" in *CIES e-working paper N°16/2006*, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - ISCTE, Lisboa.

Silva, L, 2009, *Casas no Campo: Etnografia do Turismo Rural em Portugal*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.

Solà-Morales, I, 1995, *Diferencias: Topografia de la arquitectura contemporanea*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

Távora, F, 1996, *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, Porto.

Trigueiros, L, 1993, *Fernando Távora*, Editora Blau, Lisboa.

Tzonis, A & Lefaivre, L, 1992, *Architecture in Europe since 1968: memory and invention*, Rizzola, New York.

Tuan, Y, 1974, *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values*, Prentice-Hall, Nova Jérícia.

Venezia, F & Vieira, AS, 1988, *Francesco Venezia: Catálogos de arquitectura contemporánea*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona.